





# **MEMÓRIA**

**• DE CHUTEIRAS •**

---

**HISTÓRIAS DO FUTEBOL CATARINENSE ENTRE OS ANOS 50 E 90**

---

**GABRIELA DE TONI**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
JORNALISMO UFSC - 2016.2

ORIENTAÇÃO

Mauro César Silveira

PROJETO GRÁFICO

Alice da Silva

ILUSTRAÇÕES

Amanda Ribeiro Marques

Luiz Fernando Nascimento Menezes

REVISÃO

Ariane Maia

FOTO DE CAPA

Foto do Jornal O Estado

Acervo de Osni Meira cedido para Adalberto Kluser

## AGRADECIMENTOS

---

*Feliz é um ser humano que tem uma boa família. Sem vocês, eu não sou nada. Um obrigada especial para Adriana, por ser o melhor exemplo que uma mãe pode ser, e para Ronaldo, o melhor pai que eu poderia ter escolhido. João, Maria e Sil, obrigada, irmãos. Esse trabalho existe para vocês.*

*O contentamento é completo quando se é rodeado de grandes amigos. Amigos que fiz nesses anos de UFSC, muito obrigada por compartilharem as frustrações e alegrias de uma graduação. Isso significa muito. Aos amigos de Chapecó, obrigada por terem ficado comigo.*

*Um muito obrigado e gratidão imensa ao time que me ajudou a entregar esse livrinho! Luiz e Amanda, essas ilustrações estão lindas e conseguiram passar o que eu escrevi. Arika, sua paciência de revisar e conversar sobre vários pontos da narrativa a tornou mais rica. Alice, o projeto gráfico salvou o trabalho, obrigada por ser tão paciente e bem humorada comigo.*

*Mauro, esse trabalho não existiria sem você. Mais que um orientador, obrigada pela amizade e transmissão de conhecimento entre professor e aluna. Quem sabe agora a gente possa discutir sobre o Grêmio e a Chapecoense tomando uma cervejinha. Um muito obrigada mais que especial.*

---



*“O futebol é a única religião que não tem ateus.”*

**EDUARDO GALEANO**





## PREFÁCIO

---

Alguns saudosistas costumam dizer que o futebol arte deu-se entre as décadas de 50 a 80. Eles ressaltam que hoje somos fadados a indústrias de jogadores e pouca criatividade e beleza dentro das quatro linhas. Sem entrar em discussão de certo e errado, uma coisa da qual se tem certeza é que em meados do século XX, de fato, o profissionalismo ainda engatinhava. A alimentação dos jogadores não era tão refinada como a atual e com certeza não havia rigor a respeito de qual comida era a certa. A única recomendação precisa era devorar o suficiente para estar em pé com energia no campo.

Outra evolução do futebol atual são a tecnologia e as máquinas que fazem exames e descobrem lesões das quais o jogador nem sabe que tem. Os cortes de atletas poupados por uma possível lesão ou limitação física jamais aconteceriam no passado. A equipe entrava na força, jogava na raça e, de vez em

quando, o atleta até ocultava dores para não precisar preocupar-se com eventuais molhos no departamento médico.

A assinatura de contrato era uma ocasião que era regada por atitudes amadoras. Geralmente, diretores e jogador reuniam-se sozinhos, sem a presença de empresários. Se o jogador era menor de idade, geralmente estava acompanhado dos pais. Caso o trato fosse feito, possivelmente seria com mais benefícios e exigências dos dirigentes e deveres do contratado. Ele sentia-se ao mesmo tempo acuado e honrado em estar rodeado de gente importante.

A relação com a torcida nos longínquos tempos da bola nunca foi como a atual. Naquele tempo, jogador comemorava vitória com torcedor, caminhava na rua e pegava o mesmo ônibus para ir para o trabalho – ele era reconhecido e bem tratado pela população. Até carreata os dois faziam juntos, depois de pelepas importantes. Mesmo porque a época era outra: mais de metade dos astros do campo eram nascidos e crescidos no bairro ou na cidade. O reconhecimento era outro: incomum, singular e extraordinário.

Em dia de clássico, a concentração dava-se três dias antes da batalha. A cidade inteira incendiava e inflamava os ânimos através de burburinhos e provocações pelos cantos da cidade. Dentro de campo, cada lance era um duelo; cada falta, uma luta; cada gol, uma glória. Aliás, todo jogador de futebol tem três sonhos. O primeiro deles é vestir a camisa da seleção brasileira; o segundo, disputar uma partida no Maracanã; e o terceiro deles, marcar gol em clássico.

Depois do jogo, a poeira baixava. Se era uma partida sem lances polêmicos e confusão, os adversários combinavam um churrasco de janta e retomavam a camaradagem. A amizade que o clássico estremecia, um belo pedaço de picanha juntava.

Nos próximos cinco capítulos, encontram-se histórias desses “anos de ouro” do futebol catarinense, em uma época híbrida de futebol amador na transição para o profissional. No primeiro, apresenta-se o início do esporte em Santa Catarina e a rivalidade entre Avaí e Figueirense, a mais antiga de duas equipes que se mantêm profissionais ainda hoje. Mais além, há histórias sobre uma rixa centenária (encenada por Carlos Renaux e Paysandú, equipes de Brusque), seguidas de certo saudosismo a respeito de dois times que fizeram história nos anos 60 – sendo eles, Paula Ramos (vindo da areia) e Metropol (originado no carvão). O nascimento campeão do Joinville Esporte Clube é o próximo assunto – as cores preto, branco e vermelho vieram de América e Caxias, os rivais que se juntaram para formar o JEC. E, por último, mas com o mesmo grau de importância, vêm algumas narrativas da Chapecoense, a equipe mais ao oeste de todas as outras aqui citadas e a que teve suas glórias em um período mais recente.



## CAPÍTULO 1

# O AZUL DA ILHA CONTRA O VERDE E PRETO DO CONTINENTE





O berço do futebol catarinense foi a capital Florianópolis. Foi na ilha que nasceu o primeiro time, no Ginásio Santa Catarina, atual Colégio Catarinense. No início do século XX, os filhos da elite foram apresentados a uma bola e à ideia do futebol, jogado em um campo de grama retangular delimitado por linhas. Os esportes que eram populares nesses anos eram o turfe e, principalmente, o remo. Praticar uma atividade em um espaço delimitado pareceu estranho a princípio, mas a ascensão do futebol foi mais rápida do que todos esperavam.

Em menos de vinte anos, além de Externato e Internato – os times dos estudantes do colégio –, várias equipes surgiram em todo o estado. Em 1913, o Carlos Renaux foi a primeira equipe de Brusque – acompanhado da criação do Paysandú, cinco anos depois. Em Joinville, surgiu o América no ano de 1914; seu arquirrival Caxias veio em 1920. Almirante Barroso

e Marcílio Dias, ambas equipes de Itajaí, competiram tanto no remo quanto no futebol (a data de criação dos dois é 1919). Assim foram formados times em várias cidades, como Blumenau Esporte Clube (1919) e Olímpico (1919), em Blumenau; Pery Ferroviário (1920) e Operário (1920), em Mafra; e Hercílio Luz (1918), em Tubarão.

Na ilha, houve o nascimento de mais times, por conta da dissipação rápida do esporte por todas as regiões da cidade. A equipe do Adolfo Konder (1926) era homônima ao campo em que as partidas mais importantes da cidade aconteciam – depois, o espaço foi oficializado como mando oficial da Federação Catarinense de Desportos Terrestres, entidade máxima do futebol na época. Tamandaré (1926) e Atlético Catarinense (1929) também surgiram na época; ambas as equipes estão desligadas do futebol profissional hoje.

Em 1921 e 1923 surgiram os times que fazem a rivalidade mais conhecida de Florianópolis e, quem sabe, de toda Santa Catarina. O Figueirense foi criado em 1921 na região central da ilha, em homenagem à Figueira, tradicional árvore da capital – décadas mais tarde, o clube mudaria sua sede para o Estreito (bairro localizado no continente). Dois anos depois, no bairro Pedra Grande (atual Agrônômica), nasceu o Avaí – seu nome é uma referência à Batalha de Avahy, um episódio que aconteceu na Guerra do Paraguai em. A sugestão de nome veio de Arnaldo Pinto de Oliveira, um dos homens que estava na reunião de fundação do clube e que estava lendo um livro que tinha o episódio narrado. Assim como aconteceu com o Figueirense, o Avaí transferiu sua matriz – no seu caso, para o sul da ilha, criando a rivalidade ilha-continente que é sempre ressaltada pela população.



O primeiro Campeonato Catarinense aconteceu no ano de 1924, contando com a participação de apenas equipes da ilha. Os seus dois maiores vencedores são Figueirense (com 17 títulos) e Avaí (com 16). Os rivais fizeram quatro finais em um total de 92 edições, sendo elas em 1972, 1975, 1999 e 2012 – cada um venceu duas. A rivalidade, passada de geração para geração, rendeu histórias exóticas, algumas inacreditáveis para quem ouve.

Isso aconteceu até em amistosos. Um exemplo perfeito é uma partida “amigável” no dia 30 de abril de 1971, onde ambos os times entraram em campo para homenagear o aniversário de sete anos da “Revolução Democrática de 1964”, eufemismo para o período de Ditadura Militar que o Brasil sofreu.

Com entrada franca, o estádio Adolfo Konder estava lotado. Sob os olhos de milhares de pessoas, o primeiro tempo acabou sem gols. No início da segunda etapa, uma confusão se instaurou no meio do gramado, resultando em jogadores dos dois times se engalfinhando em campo, trocando socos e pontapés a dar e vender.

Existem duas versões para esse acontecimento. A primeira delas é assunto de jogo: o zagueiro Deodato cansou das provocações do centroavante Cláudio e desferiu um chute no meio do estômago do atacante. Na segunda narrativa, diz-se que dois jogadores estavam disputando o coração da mesma moça e arrastaram a disputa para dentro de campo. O fato é que todo mundo entrou na briga e, sem ter o que fazer, o árbitro Gilberto Nahas tirou o cartão vermelho do bolso e o girou para todos os lados, expulsando todos os 22 homens em campo. Esse jogo ficou conhecido como o Clássico da Vergonha.

No banco de reservas, o lateral Orivaldo – que estrearia pela equipe azul e branca no ano seguinte – olhou aquela bagunça com uma expressão de choque. Com 19 anos, o jovem lateral nunca havia visto tamanha violência em um jogo de futebol. Ele viu colegas que também não eram titulares correndo rumo ao gramado para trocar tabefes, simplesmente pelo sangue quente que o clássico dava. O jogador preferiu ficar onde estava e não se meter na briga.

A atitude do árbitro de finalizar a partida revoltou os militares que estavam sendo homenageados. Eles foram até o vestiário solicitar que Nahas reconsiderasse a decisão, mas o juiz foi irredutível. Até o almirante da Marinha pediu que a partida continuasse, afinal, o governador Colombo Salles estava no local. Nada feito, dentro das quatro linhas quem mandava era o árbitro, que manteve os pés firmes. Isso o rendeu um pernoite na cadeia, como “advertência” da desobediência de quem estava apenas seguindo as regras do estatuto da Fifa.

\*\*\*

A violência entre os dois times era comum na época. Menos de dois anos depois, mais uma batalha dentro de campo ficou marcada para a história. Em dezembro de 1973, no Orlando Scarpelli, as equipes estavam disputando o Campeonato Catarinense daquele ano. O Avaí foi o vencedor da partida, com gol de Toninho aos 16 minutos do segundo tempo, sagrando-se na semana seguinte campeão estadual – com uma vitória de 2 a 1 para cima do Juventus de Rio do Sul.

Os jogadores do Figueirense ficaram furiosos com o tento marcado por Toninho e foram reclamar para o árbitro José Carlos Bezerra. Moacir, Abel, Caco, Adairton e Marcão (que

recém havia entrado na partida), todos do Figueira, foram expulsos. A confusão se instalou em campo. Quincas, que nem estava de titular, partiu para cima do técnico avaiano Jorge Ferreira. Casagrande, possesso com as expulsões em seu time, pegou uma pedra e feriu Dailtinho, do Avaí, na cabeça – o atleta levou oito pontos no ferimento. Insatisfeito com a agressão, Casagrande ainda pegou uma garrafa e partiu para cima de Orivaldo, que também saiu machucado. Não o bastante, Caco, após tomar o vermelho, arrancou o pau da bandeirinha e correu atrás de atletas azurras para atacá-los.

No alambrado, as torcidas começaram a se xingar para vangloriar a lástima que acontecia no gramado. Depois que o caos foi parcialmente controlado, não houve mais jogo. Com seis atletas, o Figueirense não tinha como retornar à partida. Aqueles pontos foram decisivos para a conquista do título pelo Avaí. Na cerimônia de entrega de medalhas, quatro dias depois na vitória contra o Juventus, vários jogadores avaianos estavam com curativos pelo corpo.

\* \* \*

Em agosto de 1975, as equipes fizeram a final do Catarinense pela segunda vez – em 1972, o campeão havia sido o Figueirense. A decisão seria em melhor de três partidas, sendo a primeira e última no Orlando Scarpelli, devido a melhor campanha do campeonato ter sido do Figueira.

No primeiro jogo, o time da casa aplicou 3 a 2. Os últimos minutos da peleja foram polêmicos, pois os dirigentes alvinegros apagaram as luzes do estádio em um ataque avaiano e a partida deu-se por encerrada. O segundo encontro veio com a revanche do Avaí, que teve uma vitória maiúscula por 3

a 0, sob comando de Zenon, ídolo da torcida que chegou a ser convocado para a seleção brasileira entre 1979 e 1980, quando já jogava pelo Guarani de Campinas (SP). Zenon era o clássico camisa 10 e dominava o meio de campo, sendo o líder dos ataques avaianos.

Quem o acompanhava na meia cancha era Badu, diminutivo de Balduino, outro craque da história azurra. Barbudo e cabeludo, o baixinho de 1,60m havia sido dispensado pelo Figueirense em 1971 por conta de seu tamanho, que não inspirava confiança nos técnicos. No ano seguinte, estava no Avaí surpreendendo por seu bom futebol, rápido e preciso. Por sua marra e porte físico, ele começou a ser chamado de “reizinho”, devido a semelhança com um personagem da televisão nos anos 70. Badu foi o jogador que disputou mais clássicos, 39 pelo Avaí e 36 pelo Figueirense – em sua segunda passagem pelo clube –, totalizando 75. Em março de 1975, cinco meses antes da decisão, ele foi o autor do primeiro gol colorido do futebol catarinense, quando a transmissão a cores chegou em Santa Catarina. A partida acabou em 1 a 0 para o Leão da Ilha (coincidentemente jogando contra o Figueirense).

\*\*\*

No dia do jogo decisivo, a delegação avaiiana rumava ao estádio alvinegro quando o ônibus quebrou a poucos metros do Scarpelli. Por ordem do técnico Áureo Malinverni, os jogadores trocaram o uniforme para passarem despercebidos no mar de torcedores do arquirrival. A ideia deu certo e ninguém foi reconhecido.

As torcidas ocuparam cada milímetro das arquibancadas. O primeiro tempo foi marcado por muita marcação e

ambos os times bem recuados, estudando as estratégias do adversário. No início dos 45 minutos finais, Zenon finalizou nas redes, porém o bandeirinha Dalmo Bozzano anulou o gol. Irritado, um torcedor tacou uma pilha de rádio na nuca do auxiliar, que foi retirado de campo ensanguentado e substituído pelo assistente Pedro Zimmer.

Do lado alvinegro, Toninho estava em um dia inspirado. O atacante, que jogava no rival até o início do ano, queria vingar-se pela não renovação de contrato com a equipe azul e branca. Após algumas tentativas perigosas do jogador, Malinverni mexeu na zaga do Avaí para neutralizar seus pontos fortes. O técnico conhecia bem Toninho e conseguiu anular sua participação na partida.

A partir de então, só deu Avaí no ataque. O autor do gol da vitória foi Juti, artilheiro da competição com 28 gols. Juares dos Santos jogava pelo Juventus que foi vice campeão em 1973 e foi rapidamente fisgado pelo então técnico alvinegro Jorge Ferreira.

Aos 33 minutos, Zenon recebeu a bola de Balduino e fez bonito: encarou Orcina e Casagrande, que estavam na marcação, e driblou os dois, deixando-os sentados na grama. O craque seguiu até a linha de fundo, encontrou Juti no meio da zaga preto e branca e cruzou mirando sua cabeça. Juti, por sua vez, fez o movimento perfeito e colocou a bola no ângulo direito do goleiro Vanderlei, que ficou assistindo a pelota beijar as redes.

No fim do jogo, a torcida avaiana invadiu o campo do Figueirense. Em festa, a multidão arrancou as traves fixadas no gramado para levar de lembrança. Orivaldo, Badu e Zenon conquistaram seu segundo título pelo Avaí. Juti levou a primeira medalha para casa.

## O DIA EM QUE O REI JOGOU EM FLORIANÓPOLIS

Antigamente, era muito mais fácil as equipes fazerem amistosos interestaduais para presentear os torcedores com a vinda de jogadores renomados no futebol brasileiro. O exemplo perfeito dessa afirmação é o dia em que Pelé pôs os pés na ilha de Santa Catarina. No dia 15 agosto de 1972, o Rei desembarcou em Florianópolis para sua primeira – e única – partida na capital. Além disso, os cidadãos florianopolitanos teriam a alegria de assistir todo o time titular do Santos que marcou história.

No aeroporto Hercílio Luz, uma multidão recepcionou a delegação vinda de São Paulo, entrando em alvoroço ao ver Pelé acenando na escada do avião. Os atletas do Santos foram solícitos e ficaram um bom tempo cedendo autógrafos e cumprimentando todos.

O amistoso foi marcado para o dia seguinte. Mesmo com um elenco superior, o Santos não aplicou uma sonora goleada nem surpreendeu tanto em qualidade técnica. Logo aos cinco minutos, Pelé fez um lançamento brilhante que virou a assistência do gol de Alcindo. Orivaldo, que estava na marcação do Rei, tremia por dentro e suava a bicas.

Quando o goleiro Rubens fez a saída de bola para o lateral, ele viu que Pelé vinha tentar roubar a bola. Desesperado, Orivaldo entrou na grande área e pegou a bola com as mãos – como era cobrança de tiro de meta dentro da zona do goleiro, a jogada seria anulada. O Rei, esperto que só ele, partiu para o árbitro reclamando do lance. José Carlos Bezerra ficou confuso por um instante, mas depois decidiu por não marcar nada. O

malandro maestro do futebol quase descolou um pênalti na lábia.

O Avaí ainda descolou o empate aos 21 minutos do primeiro tempo, com um chute de Lica, que estava inspirado e finalizava várias bolas. Porém, na segunda etapa, Alcindo marcou novamente e garantiu a vitória do time visitante. A torcida, que ocupou todos os espaços possíveis do Adolfo Konder – inclusive subindo em cima de muros, telhados das casas vizinhas ou até galhos de árvores – contentou-se em ver o Rei driblar e chutar com maestria singular, apesar de não ter marcado gols.

\* \* \*

Três meses antes, foi a vez do Olaria de Garrincha passar pela capital. A equipe do Rio de Janeiro fez dois jogos em Florianópolis. No dia 1o de maio, empatou com o Figueirense em 2 a 2. Menos de 48 horas depois, a equipe já estava a postos para enfrentar o Avaí.

Assim como contra o Santos, Orivaldo ficou responsável de marcar o craque do adversário, que claramente era Garrincha. Mesmo não jogando e nem correndo como antigamente, o anjo das pernas tortas era uma ameaça sempre que tocava na bola. Aos 40 anos, ele estava fazendo uma turnê de despedida do futebol profissional.

Com o joelho estourado e fora de forma, o craque corria preguiçosamente pelo campo. Orivaldo foi aconselhado a não marcar forte para não ser responsável por uma lesão do ponteiro mais famoso do futebol brasileiro. Após os 45 minutos iniciais, Garrincha percebeu a atitude do jogador azurra.

No segundo tempo, o craque das pernas tortas partiu mais para cima do lateral. Orivaldo, encurralado na ideia de não fazer contato, recuava todas as vezes. O campo do Adolfo

Konder tinha um terreno irregular, que era mais alto nas laterais que no seu miolo. Aproveitando-se disso, Garrincha deu uma entortada boa em Orivaldo.

Em uma de suas investidas avançando pela linha de fundo no lado direito, Garrincha jogou Orivaldo tão para trás que o lateral foi para cima do alambrado. O jogador do Avaí tropeçou na linha de fundo mais elevada e caiu para fora do campo. O Olaria, que estava vencendo por 1 a 0 (gol de Arthur), ampliou o placar em uma finalização de Milton.

Aos 40, o craque que mudou o jeito de assistir e praticar futebol colocou o jovem de 20 anos nos bolsos. O resultado final indicou uma vitória de 2 a 0 para a equipe visitante, e o gênio das pernas tortas aposentaria-se de vez dali a dez meses.

\* \* \*

As décadas passaram e a rivalidade entre Avaí e Figueirense não deixou de existir. Alimentada pela torcida, que segue de geração para geração, hoje em dia um clube zoa o outro pelas campanhas mal sucedidas nos campeonatos nacionais. Quase como uma gangorra, quando um time vai bem, o outro é rebaixado; a campanha de um pode até estar ruim, com cinco derrotas seguidas, mas se é clássico a equipe vai lá, joga tudo o que tem, e ganha.

Em 2014, Marquinhos (ídolo da torcida avaiana), dançou o “Créu” no Scarpelli em uma vitória por 2 a 1. A revanche do Figueirense foi ser bicampeão do Catarinense e passar o rival como equipe que tem mais títulos do campeonato. Em 2011, participaram pela primeira vez da série A ao mesmo tempo, tendo o Figueira ficado em sétimo e o Avaí em último. Em 2013, quando ambos estavam na série B, o alvinegro aplicou



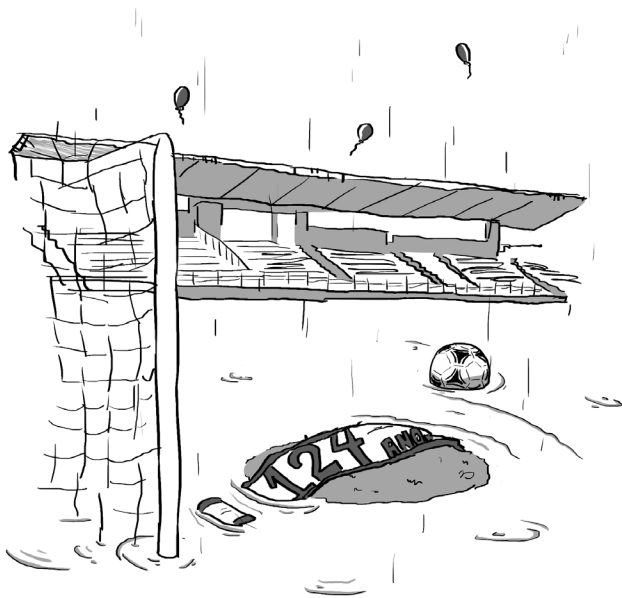
uma sonora goleada de 4 a 0 na Ressacada e deu uma arrancada para o retorno à elite, tirando a vaga justamente do azurra. O Avaí, por outro lado, possui a melhor campanha de uma equipe catarinense na série A, tendo ficado na sexta posição em 2009.

Em dia de clássico, a cidade inteira para. O trânsito no sul da ilha vira um inferno, dificultando o acesso ao aeroporto, assim como o fluxo de carros no Estreito atrapalha todos que querem entrar ou sair da capital. Os torcedores saem de suas casas e se concentram nessas duas partes de Florianópolis, honrando a rivalidade ilha-continente que permanece no imaginário popular. A única certeza que se tem é que o jogo vai ser alucinado.



## CAPÍTULO 2

# UMA PONTE, DOIS TIMES E UMA RIXA CENTENÁRIA





Santa Catarina foi palco de grandes rivalidades futebolísticas. Antes dos tempos de Joinville Esporte Clube, Caxias e América paravam a cidade nos dias que precediam o duelo. No sul do estado, o Metropol e o Comerciário disputavam as glórias nas terras carboníferas de Criciúma. Até hoje, a capital convive com a forte rixa entre Avaí e Figueirense, na disputa ilha-continente.

A região que mais concentrava equipes era a do Vale do Itajaí. Na cidade homônima, o Almirante Barroso vivia seus tempos áureos e o Marcílio Dias completava o clássico da cidade. Já em Blumenau, Olímpico e Palmeiras (hoje BEC, Blumenau Esporte Clube) eram fortes principalmente no final da década de 40. Porém, a hostilidade que rondava entre as equipes de Carlos Renaux e Paysandú, de Brusque, transcendia os portões da cidade e com frequência aparecia nas manchetes

pelo estado. A briga entre os dois clubes era, quiçá, a mais antiga do estado, dando-se desde 1918, quando o Paysandú foi fundado – cinco anos depois do Carlos Renaux.

Os dois times sempre figuravam na final do campeonato citadino, com confrontos conhecidos por violência e forte marcação. A rivalidade era tanta que os jogadores não usavam os vestiários do rival. Eles saíam de seu próprio estádio devidamente trajados e caminhavam os apenas 400 metros de distância que separavam um campo do outro, sempre ao lado da torcida que conhecia o ritual.

\* \* \*

Em 1960, um dia de clássico amanheceu com o tempo tão ruim que chovia a canivetes. A partida estava marcada para o meio da tarde. Às 11h, os dirigentes das duas organizações reuniram-se no Café Pigalle (que era um popular ponto de encontro da sociedade brusquense) e, em comum acordo, decidiram adiar o jogo. Às 15h, horário marcado para começar o combate, o Paysandú postava os 11 jogadores debaixo da chuva torrencial no campo da final. O presidente esmeraldino Arthur Jacowitz dera a ordem aos atletas. Depois de 30 minutos, o árbitro Oscar Pinheiro não tinha outra escolha se não declarar o *W.O.*, *walkover* de desistência do tricolor Renaux, cujas cores eram azul, vermelho e branco.

A equipe de alcunha Vovô – por ser a mais antiga em atividade no futebol profissional catarinense – ainda insistiu em fazer uma audiência e trazer argumentos e testemunhas do ato dado na manhã do jogo. O que os diretores não sabiam era que a comissão de avaliação do caso levava em si cinco torcedores do Paysandú contra apenas um isento de preferência

clubística. O resultado, portanto, não poderia ser diferente: o júri negou a apelação e o Clube Esportivo Paysandú tornou-se o campeão naquele ano.

\* \* \*

O Paysandú, de cores verde e branca, era chamado de *O mais querido* da cidade. Esse apelido era disputado com o Carlos Renaux de maneira ferrenha. Nenhuma das equipes cederia esse título honroso sem brigar por ele primeiro. Com isso, a cidade preparou-se para votar uma enquete na Praça Central. O ato era simples: os interessados em mostrar sua preferência deveriam aparecer durante o dia de domingo para assinalar qual time gostavam mais. Não era necessário mostrar um documento de identificação, apenas preencher a cédula de papel.

Um dos dirigentes do Paysandú observava o processo e teve uma ideia: se oferecesse certa quantia para os torcedores entrarem novamente na fila e deixarem outro voto para o alvi-verde, certamente a eleição estaria ganha. Ele começou a fazer a proposta com muita aceitação por parte dos votantes. E não deu outra: o Paysandú ganhou a votação “legítima” de mais querido da cidade e ainda é chamado assim nos dias de hoje.

\* \* \*

Em dia de clássico, a cidade parava. Ao redor dos estádios, a torcida começava a fazer carreatas umas três horas antes do confronto. Do lado de lá da ponte, ficava o estádio Cónsul Carlos Renaux, por ironia do destino o nome do estádio do Paysandú. O nome foi dado em homenagem a Carl Christian Renaux, um imigrante alemão com sobrenome francês que

fundou a primeira fábrica de tecido de Brusque. O título de cônsul foi por Renaux ter sido político e denominado cônsul do Brasil na cidade holandesa de Arnhem.

A torcida alviverde era mais humilde, mais pobre e se concentrava na parte de lá da cidade. A rua Pedro Werner era sinônimo de torcedores do time – não tinha um que apoiasse o Renaux. A família com mais história entrelaçada a do clube são os Appel, que tiveram muitos jogadores – e até dirigentes – que defenderam as cores verde e branco.

Do lado de cá da ponte, o Pedro Bauer era o mando de campo do Carlos Renaux. A torcida era mais pó de arroz, da elite da cidade. Nunca se soube dizer ao certo qual time tinha mais admiradores, pois a população fazia muito número dos dois lados quando tinha clássico. No Renaux, os Petruscky foram uma família com muitos jogadores; os Bauer e os Schaeffer se fizeram presentes em muitas diretorias da equipe; nos anos 40, os Loos tiveram importante papel em sua história. Seu Cavaco, um grande admirador do tricolor, levava para o estádio uma sirene de polícia, todo santo jogo. Sempre que o time partia para o ataque, ele acionava o som que servia de trilha sonora da ofensiva do Renaux.

\*\*\*

Quem passasse pelo casarão situado na rua Pedro Werner escutava uma discussão acalorada. Ali dentro, a família Appel estava debatendo sobre um tema muito importante.

Toda a linhagem tinha uma história amarrada a do Clube Esportivo Paysandú. Dos irmãos Herbert, Oswaldo, Heinz, Bruno e Gerhard, o último foi o único que não jogou – ele acabou virando presidente do time. Os dois primeiros foram



goleiros – Oswaldo, o melhor da história; Herbert, seu eterno reserva. Heinz jogou de ponta esquerda e Bruno era coringa do time, jogava em qualquer posição.

Não bastavam apenas eles, também tinham os primos. Arthur foi lateral direito e depois passou pela presidência do clube. Egon, seu irmão, se arriscava na ponta direita.

O tema importante girava em torno do clube arquirrival, o Carlos Renaux. A hostilidade era tanta que nem se falava o nome do outro time dentro daquela casa. O filho de Herbert, Valdir “Chiquinho” Appel, também foi goleiro do Paysandú – e o era naquele fevereiro de 1963. O fato é que o menino de 16 anos queria defender as cores do Renaux por um campeonato no qual o alviverde não se classificou, que foi o Campeonato Catarinense de 1962 – que estava acontecendo no ano seguinte. O conflito girava em torno de permitir, ou não, que Chiquinho fosse emprestado para a competição.

De um lado, os homens de meia idade estavam indignados com a ideia do caçula em manchar a história da família e cometer a traição de defender o Renaux. Do outro, a parte mais sensata dos Appel lembrava que era só por um torneio e que Chiquinho, como recém profissional, precisava da projeção estadual para catapultar sua carreira.

A assembleia dos Appel já se estendia há horas. Entre longas falas, interrupções e princípios de gritaria, a família chegou à conclusão que seria bom para o jovem goleiro a visibilidade que ele teria jogando pelo tricolor brusquense. O primo Arthur, que na época era presidente do Paysandú, baixou a cabeça em desgosto. Gerhard, que tinha uma paixão muito acalorada, também ficou decepcionado com a decisão. O resto da parentada ficou com a cara meio azeda, mas preferiu não se manifestar.

Quando o paysanduense de família foi jogar no Renaux, houve um estranhamento dos habitantes da Pedro Werner. Mais do que os Appel, era uma rua inteira conhecida pela sua paixão ao Paysandú. Entretanto, o Renaux era a única equipe que representava Brusque e alguns se contentaram com isso.

Chiquinho, que era o centro das atenções verde e brancas – mas não ligava para aquilo –, ficou honrado em ser reserva do grande Arno Mosimann, um notável goleiro do futebol catarinense. Mosimann, alto, loiro e elegante, transmitia total confiança para os jogadores de linha. Duas vezes campeão pelo Renaux nos anos 50, ele tinha atuações discretas em decorrência de sua tranquilidade debaixo das redes. Para o jovem aspirante a guarda-redes, não existia melhor chance de aprender como atuar bem.

No último jogo do primeiro turno do campeonato, o adversário foi o poderoso Metropol, bicampeão catarinense em 1960 e 1961 e time que havia feito seis meses antes uma turnê europeia que havia sido um sucesso – em 23 partidas, 13 vitórias, seis empates e apenas quatro derrotas. Brusque ficou mais mobilizada em torno dos craques do time de Criciúma que em apoio aos jogadores de casa.

Tamanha foi a surpresa de Chiquinho quando Mosimann chegou no vestiário naquele dia e entregou sua camisa para ele estrear. Seu primeiro jogo como goleiro do Renaux foi justo contra a equipe mais perigosa da competição. Para coroar a importância da partida, essa seria a despedida do grande Teixeirinha, tido por muitos como o maior futebolista da história de Santa Catarina e que por injustiça do destino nunca foi campeão catarinense.

O Augusto Bauer fez jus à relevância da peleja, enchendo suas arquibancadas de amantes da bola redonda. É possível que todos ali tenham ficado abismados com o que viria a seguir, na surra de técnica que o Renaux aplicaria para cima do Metropol. Teixeira, craque eterno com seu jeito de levar a pelota, estava especialmente inspirado naquele dia. Ele beijou a bola com tanto carinho que ela foi direto para o ângulo do goleirão Rubens. O Metropol ainda tomou mais três gols do time da casa. O único tento da equipe de Criciúma foi um pênalti chorado convertido pelo artilheiro Nilzo.

\* \* \*

Ao final do jogo, Chiquinho estava maravilhado com o que acabara de acontecer. Emocionado, ele estava sentado no vestiário contendo a sensação de alegria que explodia no peito. Mosimann, observando o garoto, deu um tapa no seu ombro. “Menino, é o primeiro jogo de muitos que você vai sentir uma felicidade dentro de ti. Acredite que você vai ser grande e dê o máximo que puder dentro e fora de campo”.

Valdir “Chiquinho” Appel, aos 16 anos, não poderia sonhar que vestiria a camisa de 15 clubes diferentes em toda a sua carreira – isso incluiria uma passagem de seis anos pelo Vasco da Gama, com muitos jogos memoráveis na bagagem. Quanto a Mosimann, ele por coincidência faria sua despedida na última rodada contra o próprio Metropol, que viria a sagrar-se tricampeão catarinense. Em Criciúma, o time da casa levou a melhor por 1 a 0. No banco naquele jogo, Chiquinho aplaudiu de pé o melhor goleiro catarinense de todos os tempos.

\* \* \*

Tirando a década de 50, nem Renaux nem Paysandú tiveram destaque no campeonato catarinense. As disputas sempre ficaram no âmbito municipal. Os clubes chegaram a ser rebaixados e disputar a série B da competição. Esse foi o caso do Paysandú nos anos 80, que mais lutava para não cair que competir de igual para igual.

Um dos causos memoráveis dessas peladas da segunda divisão foi o jogo fora de casa contra o Pinheiro Preto, uma cidadela no meio do oeste catarinense com menos de cinco mil habitantes nos dias de hoje. O município era tão pequeno que só tinha dois policiais. O campo do time era em um morro que, pela chuva intensa no dia da partida, estava com as linhas de fundo desmoronando. Quando o cobrador do escanteio ia até a parte demarcada para o tiro, tinha que rolar a bola mais para perto do goleiro. Isso para não cair no buraco de terra caída que só aumentava.

Além daquele perrengue que o Paysandú estava passando, a bagunça aumentou quando o árbitro marcou um pênalti a favor do time. Os torcedores do Pinheiro Preto não gostaram nada da marcação – afinal, se estavam debaixo de um pé d'água, que fosse para ver sua equipe ganhar. O pequeno público invadiu a lama chamada de campo e começou a agredir os jogadores. Os atletas do Paysandú correram, dando algumas escorregadas, para o abrigo do precário vestiário no qual se prepararam.

No ônibus na volta para casa, os boleiros disseram que nunca mais voltariam para aquela cidade. Pequena, ela parecia amigável. Na verdade, era mais hostil que o temporal que os acompanhou pela estrada.

\* \* \*

Esse não foi o único caso de violência pelo qual o Paysandú passou. Também jogando pela série B, a equipe foi até Joaçaba enfrentar o time homônimo. Na partida, deu tudo certo, tirando a vitória para o visitante. No caso, quem se deu mal não foi a delegação, mas sim o árbitro da partida. Quando ele saiu para viajar de volta para casa, viu seu carro capotado dentro do rio. Torcedor insatisfeito com o desempenho de juiz se vingou de um jeito cruel.

Outra ocasião foi um jogo fora de casa contra o Internacional de Lages. Se o time da casa perdesse, seria rebaixado. Como de costume, o aguaceiro era tanto que os milímetros de água se acumulavam no gramado. Até pedra caía do céu. Quando Keka, atacante do Paysandú, fez o gol, a torcida começou a balançar a divisória de arame ameaçando confusão. No apito final do árbitro e o placar inalterado no 1 a 0, a violência e exaltação foi tanta que os jogadores elmeraldinos só saíram do estádio às três horas da manhã. Escondidos no camburão da polícia, eles só tiveram certeza que não houvera uma emboscada quando chegaram na cidade vizinha.

\* \* \*

Keka teve uma história de vida com o Paysandú. Ele fez de tudo para jogar no clube: levava gelo e uísque para os dirigentes em reuniões da diretoria; dirigia a kombi do time quando fosse necessário; marcava as linhas do campo em dia de jogo; e até era o responsável por organizar o bolão onde todo mundo apostava os resultados da rodada. Quando teve a oportunidade de entrar em campo, jogou em qualquer lugar que o técnico pediu.

Sua primeira partida oficial foi como lateral direito. Com

o titular lesionado, ele estava disposto a mostrar serviço, fosse para marcar atacante, armar jogadas ou não comprometer o jogo. O adversário foi justamente o Carlos Renaux. Após 15 minutos, o tricolor já estava ganhando de 2 a 0. Quando Keka observou, pela visão periférica, que outro lateral estava aquecendo para o substituir, encontrou dentro de si um futebol que surpreendeu a todos – inclusive ele.

Keka foi avançando pela direita do campo como quem não quer nada e os adversários foram deixando, não vendo ameaça no novato que não estava bem na partida. Ao ver que ele poderia tentar um chute da intermediária, não pensou duas vezes. A bola foi meio sem vontade, com pouca velocidade, mas rente ao chão. O goleiro do Renaux caiu em câmera lenta, viu a bola tocar no gramado e dar um quique que o confundiu. A pelota passou pelas mãos do arqueiro, bateu na trave e entrou. Os jogadores de ambos os times olharam abismados para Keka, que contou com a sorte para que aquele tiro enviesado matasse o guarda redes na improbabilidade.

Menos de cinco minutos depois, ele venceu na velocidade e na altura, cabeceou para as redes e empatou. Os torcedores explodiram de alegria. O lateral reserva, que estava prontinho para entrar, olhou para Keka e sabia que não iria mais rolar. Ele voltou cabisbaixo para o banco, sem esperança de entrar em campo. A partida que se deu no estádio do rival acabou com o placar de 2 a 2. Ao final dos 90 minutos, Keka foi carregado até o campo do Paysandú pelos torcedores.

\* \* \*

Aos poucos, ele foi avançando de posição. Passou de lateral direito a meio de campo, para jogar com a camisa 10. Como

era um jogador de bastante oportunismo, depois de um tempo passou a ser centro-avante/ponteiro direito. Tinha um chute rabiscado de perna direita. Além disso, a estrela de Keka era forte. Em um jogo contra o Avaí, o placar estava zerado até a metade do segundo tempo. Keka entrou e fez o gol da vitória. A torcida reverberava seu nome: “Ke-ka! Ke-ka! Ke-ka!” em um eco que até os torcedores do Carlos Renaux, do outro lado da ponte, ouviam irritados.

Ele trombava com os zagueiros, sempre garantia a sobra e ainda cabeceava com precisão. Foi um atacante completo que fez o único gol do último clássico entre Carlos Renaux e Paysandú.

\* \* \*

No dia 4 agosto de 1984, a cidade de Brusque amanheceu em um sábado ensolarado. O dia era de celebração dos 124 anos do município. A festa se estenderia pelo final de semana, mas o clima mudou bruscamente na virada para domingo. Uma chuva torrencial alastrou-se pela cidade, ininterrupta por 48 horas. O Rio Itajaí Mirim transbordou e os níveis de água atingiram metros em toda a cidade, provocando uma das piores enchentes de sua história.

O Augusto Bauer se encontra nas margens do rio. Todo o gramado virou lama com a quantidade de água que entrou no local. Aquilo destruiu o estádio e contribuiu para a extinção do Carlos Renaux como time profissional – pelo menos por um tempo.

No dia, a delegação do Paysandú estava concentrada no Cônsul Carlos Renaux pois iria jogar contra o Blumenau Esporte Clube no dia seguinte. Ali, o nível de chuva foi bem menor, não atingindo um metro. Mesmo assim, a partida foi adiada

por tempo indeterminado.

Com a enchente de 84, o Renaux ficou muito tempo sem estádio. O prazo para a recuperação dos vestiários, arquibancada e gramado foi maior devido a crise financeira que atingia o clube. Por fim, o Renaux desistiu de competir profissionalmente. O último clássico aconteceu no campo do rival, 400 metros distante.

A torcida cumpriu o ritual de sair do próprio estádio em direção ao mando do rival. Na ocasião, a partida acabou em 1 a 0, com gol de Keka, típica finalização de centroavante no meio da grande área. Dentre escorregões na lama, uniformes imundos de barro e torcidas solidárias, os emocionados jogadores do Renaux deram a volta olímpica agradecendo todo o apoio nos seus 70 anos de existência.

Pouco tempo depois, era a vez do Paysandú dar adeus ao futebol profissional. Os problemas financeiros e as inconstantes participações no Campeonato Catarinense – um ano na série A, outro na B e o seguinte na elite novamente – foram os principais motivos.

\*\*\*

Em 1987, a cidade voltou ao cenário da bola. Foi criado o Brusque Futebol Clube, junto a ex dirigentes e jogadores de Renaux e Paysandú. A princípio, as torcidas rivais não abraçaram a ideia do novo time – este estava muito distante da história que os dois haviam criado na mente dos fãs. O fato de ser a união de equipes completamente opostas e rivais influenciou para a lenta disseminação do clube no imaginário popular.

Através de um elenco com muitos veteranos – Palmito, Carlos Alberto e Otto eram os jogadores da meia cancha do



time –, o Brusque Futebol Clube de 1992 foi campeão catarinense. Mesmo sem um craque, o time venceu o Criciúma campeão da Copa do Brasil do ano anterior e conquistou pontos em partidas difíceis e importantes – como um jogo fora de casa contra a Chapecoense, de placar 3 a 3. Com o mando de campo, então, só perdeu duas vezes, com nove vitórias e cinco empates. A equipe ficou caracterizada por sua raça e união. A experiência foi de degrau em degrau para conseguir o título.

Na época, o time havia negociado com o Carlos Renaux o recuperado estádio Augusto Bauer para realizar seus jogos. Posteriormente, brigas judiciais fariam com que o campo voltasse a ser totalmente do Renaux, que começou a trabalhar como clube social e reaveu seu espaço.

Nas décadas que passaram após o título do Brusque, Paysandú e Carlos Renaux ficaram na memória viva de seus torcedores e continuam sendo as primeiras equipes por quais eles torcem. A fusão que não deu certo acabou resultando na volta do Renaux ao futebol profissional e ao saudosismo permanente ao redor do Paysandú. Quem apoia o tricolor não torce para o Brusque; assim como quem é alviverde não acompanha os jogos do atual time da cidade. A rivalidade transcendeu a criação de um clube que juntaria todos para o apoiar. O que ficou foi uma rixa centenária passada de geração para geração.



CAPÍTULO 3

# CARVÃO E AREIA VIRAM CINZAS





O verão batia à porta da Praia de Fora naquele 15 de dezembro de 1937, quando um grupo de amigos estava sentado em um trapiche tendo uma importante conversa. Ainda não era oficialmente a estação mais quente do ano, mas a umidade no ar e o horário de verão, que já havia sido instaurado, indicavam aquela época de temporada onde os aluguéis em casas de veraneio atingiriam preços estratosféricos, a concorrência pelo metro quadrado de areia na praia triplicaria e a cidade apinharia-se de curiosos em conhecer Florianópolis. Antes dos aterros, a região central da ilha de Santa Catarina contava com várias praias, dentre elas, a do Muller, de Fora e de São Luís. Esses pedaços de terra eram uma boa opção para aqueles que não conseguiam locomover-se facilmente até os charmosos bairros do norte ou do sul da ilha e precisavam de uma opção mais viável. Mais especificamente entre o campo do Adolfo

Konder – terreno onde hoje localiza-se o Shopping Beira Mar – e a atual Federação Catarinense de Tênis, estendia-se a Praia de Fora, que tinha como público principalmente aqueles que habitavam a Rua Bocaiúva e as casas mais próximas ao mar. Dois aterros nas décadas de 60 e 80 transformaram aquelas praias na Avenida Rubens de Arruda Ramos, popularmente conhecida por Avenida Beira-Mar Norte. Porém, em meados de dezembro, nas vésperas de 1938, lá estava reunido um grupo de amigos tendo uma importante conversa.

Os grupo consistia em 16 homens que se uniam pelo amor ao futebol. Eles compunham equipes de várzea e competiam entre si peladas na região. Os irmãos Bruno e Adolfo Boss, que já vestiram as camisas de Avaí e Figueirense, defendiam a criação de um time. Os dois eram os mais entusiastas em definir um nome, um símbolo e cores que todos aqueles homens poderiam defender juntos. A conversa deu-se por muitas horas na intenção de resolver essas questões importantes. Por fim, no adeus do sol, foi fundado o Paula Ramos Esporte Clube. O nome? Esse em homenagem a onde tudo começou, no trapiche da Praia de Fora, denominado Vitorino Paula Ramos. Esporte Clube? Porque, na época, talvez mais popular que o futebol era o remo, assim como a natação e o atletismo eram esportes bem quistos. Vale citar que a primeira competição oficial do Paula Ramos foi a maratona de Florianópolis, onde dois atletas correram com a camisa vermelho, preto e branca do clube, mas essa história pode ficar para outra hora. Enfim, no dia 20 de dezembro, o jornal *A República* anunciava a novidade, a nova equipe vinda do coração da cidade: nascia ali a estrela solitária catarinense.

\* \* \*

Cerca de onze anos depois, um acontecimento similar se daria a 200 quilômetros da Praia de Fora. Na cidade acinzentada pela poeira vinda do carvão, outro grupo de amigos reunia-se na casa do mineiro Orestes Miranda para falar sobre seu time, o Esporte Clube Metropol. O Metropol nascera três anos antes, na primavera de 1945, porém ainda não conseguira competir no prestigiado Torneio da Liga Atlético da Região Mineira (LARM), ambição de qualquer pequena equipe do sul catarinense. O ponto de encontro dessa reunião de novas diretrizes era no bairro Metropolitana, com esse nome por estar próximo a Carbonífera Metropolitana, importante empresa que contribuía muito para a economia de Criciúma. Os mineiros que jogavam pela equipe recreativa também trabalhavam na companhia e moravam na região. Mas, o presidente do clube era o açougueiro Miguel Nápoli, um homem apaixonado por futebol que não tinha muito talento nos pés. O motivo do encontro era definir mudanças para aquele time. Mais cedo no ano, o Metropol tivera jogadores competindo pelo Ouro Preto Futebol Clube no LARM. Esses atletas tiveram um bom desempenho e os dirigentes do clube também queriam que ele passasse a fazer parte do campeonato.

Na reunião, além da promessa de maior seriedade entre os sócios, apenas uma mudança notável aconteceu: as cores do clube passaram de preto, amarelo e branco para verde e branco – principalmente pela torcida do vice-presidente Airton Guidi pelo Palmeiras de São Paulo. Na virada de década entre 1940 e 1950, nascia o novo Metropol, que nem nos seus maiores sonhos imaginaria ser uma das equipes mais importantes da história de Santa Catarina.

\* \* \*

## A ESTRELA SOLITÁRIA BRILHA NA DÉCADA DE 40

O escudo do Paula Ramos tinha uma estrela branca com uma faixa preta e fundo vermelho. A estrela era em homenagem a Manoel, botafoguense roxo que era filho do homem que dava nome à agremiação. As fotos ainda eram tiradas em preto e branco, mas se tivessem sido capturadas hoje revelariam como uniforme a camisa branca com shorts vermelhos e meias pretas. No início, o Paula Ramos participava apenas de competições amadoras, e em 1943 veio a conquista do torneio citadino. Aquele foi o impulso para, no ano seguinte, o Paula Ramos debutar como mais um clube profissional da capital catarinense. Até a equipe reestruturar-se e adquirir nível técnico para competir, foram mais três anos. Em 1945, o time chegou a sofrer uma goleada histórica do Avaí por 21 a 3. Em 1946, devolveu a derrota e também teve três triunfos diante do Figueirense. Em 1947, contou com a esperteza e habilidade de Mandico, o craque da equipe, para vencer o Leão da Ilha e conquistar o primeiro título profissional do grupo.

\* \* \*

O nome do atacante revelado pelo Paula Ramos era Armando Martins. Mandico, baixo, franzino, com cara de quem não se alimentava direito, enganava na aparência a habilidade e destreza que tinha na ponta dos pés. No citadino que o clube venceu, foi o artilheiro com 25 gols – aquele título dava uma passagem para participar do Campeonato Catarinense. O único problema era que o atacante não sabia ler e escrever, o que vinha contra as regras da Confederação Brasileira de Desportos, entidade que era soberana à Federação Catarinense de



Futebol. Para poder participar do Catarinense, o clube teria que obedecer todas as regras impostas pela CBD, pois a FCF respondia a essa organização. Sem problemas! A missão de alfabetizar o jogador praiano ficou por conta da mulher do então presidente Dirceu Gomes. Exasperada, ela até tentava enfiar as letras goela abaixo, mas o que chamava atenção mesmo era o piano que Mandico namorava todos os dias.

Dado o primeiro jogo onde teria que assinar a súmula, Mandico afundou a caneta na tinta e fez um rabisco com total convicção. Ao ser questionado, leu “Mandico!” para sua assinatura e desatou em direção ao campo para aquecer. A pressão da torcida da Praia de Fora era grande e o auxiliar aceitou os riscos do jogador como legíveis, definindo que o craque analfabeto estava regulamentado para o confronto.

\* \* \*

O ano de 1948 daria-se como a afirmação do Paula Ramos em cenário estadual. Em 1947, no seu primeiro Campeonato Catarinense, a estrela solitária de Florianópolis parara na primeira fase eliminada pelo Palmeiras de Blumenau. No ano seguinte, a conquista do cidadão aconteceu e confirmou o bicampeonato em Florianópolis. Na competição a nível estadual, o time estava mais experiente, mais técnico e com reforços, chegando a última rodada com chances de ser campeão após uma campanha surpreendente. A partir daí, uma saga digna de história de ficção.

O adversário direto na conquista do estadual de 1948 era o América de Joinville, que estava com dois pontos a mais na classificação. Na última rodada, as duas equipes venceram seus jogos, mas a alegria do América teve vida curta. Os diri-

gentes do Paula Ramos descobriram que a equipe joinvilense escalara o goleiro Gonzaga de maneira irregular no primeiro jogo do retorno, justamente contra o time da estrela solitária. Com este fato comprovado, foi anulada a vitória da agremiação de Joinville e definido que as equipes enfrentariam-se para definir o campeão estadual.

Comparado ao elenco do ano anterior, a equipe do Paula Ramos contava com dois reforços importantes, os atacantes Nicácio, vindo do mesmo Palmeiras que eliminou a equipe no Campeonato Catarinense do último ano; e Bentevi, que anteriormente jogara no Internacional de Porto Alegre.

No dia 15 de março de 1949, o Paula Ramos empataria em 2 a 2 com o América de Joinville. O resultado indicava o mesmo número de pontos para as equipes e foi definido um novo confronto em melhor de três partidas para, enfim, se decidir o campeão. No primeiro jogo, o Paula Ramos garantiu a vitória fora de casa vencendo por 5 a 3. Em Florianópolis, o América deu o troco – no placar de 2 a 1. Assim, a terceira partida aconteceria no Campo da Liga, na capital – o Adolfo Konder, apelidado de “Pasto do Bode” pela qualidade duvidosa do gramado esburacado.

\*\*\*

O dia do confronto entre Paula Ramos e América amanheceu com um temporal e poças espalhadas pelo campo. Mesmo com poucas condições, a Federação Catarinense de Desportos anunciou que a partida aconteceria. O árbitro da decisão era Mário Viana, um carioca com renome na profissão. Por conta da viagem para voltar ao Rio de Janeiro, ele teria que apitar naquele domingo, pois partiria na manhã de segunda-feira.

No vestiário, Nicácio sentia a pressão de ser o único jogador ofensivo que restara. Na longa sequência de partidas, Mandico acabou por lesionar o joelho e Bentevi também estava de molho no departamento médico. Ele respirou fundo e correu em direção a chuva torcendo para que o tempo virasse a favor do Paula Ramos.

Os dois times estavam tão empatados naqueles intermináveis duelos que o primeiro tempo terminou sem gols e com centímetros de água acumulando-se nos buracos de meteoro do Pasto do Bode, campo lodoso que ficava a poucos metros da praia. Na volta do intervalo, o América aproveitou um descuido do time da casa e abriu o placar. O jogo caminhava para a perspectiva de o Paula Ramos perder o título mais uma vez em menos de dez dias até que o troco veio em moeda muito parecida. O gol da estrela solitária também foi por distração do time adversário, que viu a bola beijar a rede na cobrança do escanteio feita por Nicácio. Naquele gol olímpico, ele consagrou-se o atacante do campeonato.

\* \* \*

Pela quarta vez, não houve um campeão. Como aquele era o jogo decisivo, ficou acordado que qualquer resultado a favor de uma equipe na prorrogação decidiria o vencedor. Caso a igualdade persistisse, os pênaltis definiriam o vencedor. A luz natural foi embora cedo por conta do tempo instável que cercava a ilha de Santa Catarina e, com isso, o tempo extra foi transferido para às sete horas da manhã do dia seguinte! Ambas as equipes – e também a torcida – reclamaram da decisão da Federação, que informou estar de pés atados por conta do horário do árbitro carioca.

Pois bem, o quinto encontro em quatro jogos aconteceu na segunda-feira, começando um pouco atrasado, às oito horas da manhã. O dia virou, mas a chuva insistiu em guardar assento para assistir à final. A presença do público foi considerável, dado o dia e o horário da peleja. O Paula Ramos sofria pressão por ter um jogador expulso (o zagueiro Chinês tomara o segundo vermelho e estava encapado na arquibancada espiando o jogo), mas a bola nunca chegou nas redes – o goleiro Tonico tirou a pelota várias vezes e, quando ela escapou, Neném a empurrou para longe da linha. Para alívio do Paula Ramos, que sofreu inúmeros ataques e não criou nenhum, Mário Viana apitou por uma última vez e encerrou de vez a partida.

Após os quatro confrontos, a decisão deu-se através de penalidades máximas. A multidão encarava o campo em silêncio e as únicas coisas que se ouviam eram as gotas de chuva atingindo o chão e as ondas do mar arrebatando a costa. Os cobreadores e goleiros, só querendo que aquele jogo infinito tivesse fim, pensavam ansiosos no bom banho quentinho que viria depois, qualquer fosse o resultado.

As primeiras cobranças foram convertidas. Uma, duas vezes. No terceiro tiro, Nicácio, que era o herói, tomou o posto de vilão. Rui adivinhou o canto e encostou de leve na bola, mudando sua trajetória. A partir de então, o América administrou o resultado e enfim reconquistou aquele título. Após a luta para mudar o destino da competição, o Paula Ramos foi duas vezes vice do mesmo campeonato em uma mesma temporada.

\* \* \*

A década de 50 foi quase toda de vacas magras para o Paula Ramos. Após o campeonato de 48, a equipe destruiu

turou-se, acabou tendo campanhas pírias no citadino e tampouco participou de estaduais. As glórias outrora conquistadas alimentavam a mente dos torcedores, que aguardavam a volta daqueles primeiros anos mágicos.

Em 1959, a estrela do Paula Ramos iria brilhar mais que em qualquer outro momento de sua história. Classificada para o estadual, a equipe teria uma longa sequência de jogos se quisesse reivindicar o título perdido mais de dez anos antes. Quando a equipe fez uma apresentação extraordinária no primeiro turno da competição, a torcida suspirou em busca do primeiro triunfo estadual.

No dia 04 de agosto de 1959, música cantou para o elenco do time de Florianópolis. Contra todas as probabilidades, um time remendado fez história jogando na casa do líder do campeonato e conseguindo um resultado espetacular.

O Carlos Renaux, que lutava pelo título daquele ano, esperava não ter um vice-campeonato consecutivo. A equipe de Brusque era líder da primeira fase da competição com certa folga e iria receber o Paula Ramos, que, no momento, estava no meio de tabela e quase não havia se classificado para o estadual. Além de todos esses fatores favoráveis, o elenco do Carlos Renaux era abrilhantado pela presença de Teixeira, um dos maiores craques que já calçou as chuteiras no futebol catarinense.

\* \* \*

Pois bem, aos sete minutos do primeiro tempo, o goleiro Gainete já fora pegar a bola no fundo das redes duas vezes, uma com gol de Petruscki e outra de autoria do próprio Teixeira. No Paula Ramos, uma incredulidade de quem nem

entendia o que estava acontecendo. A equipe vinha com seu melhor elenco nos últimos dez anos e nem chegava a ser competitiva naquela partida.

Por sorte, o time florianopolitano puxou o freio de mão do Renaux e até conseguiu descontar o placar aos 35 minutos, num lance oportunista do jovem ponteiro-direito Élinho, atleta revelação das categorias de base do clube.

Na volta ao segundo tempo, logo no lance inicial, Petruscki dividiu uma bola com Gainete e deixou o goleiro com a mão lesionada. Então começou a reestruturação improvável do Paula Ramos: como na época não era permitida substituição, o técnico Hélio Rosa embolou todo o elenco em uma tentativa desesperada de conter o estrago da lesão do defensor das redes.

\* \* \*

O arqueiro Gainete poderia não ser tão alto, mas parecia uma torre de dois metros pela sua presença no arco. O goleiro foi revelado no time e depois chegou a jogar no Internacional e no Vasco da Gama, sendo lembrado pela torcida até hoje. De estatura mediana, tinha sido revelado em uma situação inusitada. Antes de se profissionalizar, o jogador – que também arriscava como pivô de basquete – jogava de atacante em seu clube de várzea. Hélio Rosa lembrou disso e deslocou o guarda-redes para centroavante. Para ocupar o espaço vazio deixado, trouxe o lateral direito J. Martins, que agarrava com certa frequência em treinos.

Nelinho, que fazia um trio de excelente nível técnico com Sombra e Valério na meia cancha, supriu a posição no lado direito do campo. E assim sucessivamente as funções e os jogadores começaram a misturar-se ao ponto de, no final de

todas as trocas, apenas quatro boleiros estarem na sua posição de origem.

Toda essa reestruturação da equipe demorou um bocado, a ponto dos jogadores do Carlos Renaux reclamarem com o árbitro. Apenas Teixeira, que via a situação com certo escárnio, acalmava os companheiros e ria da goleada que se instauraria assim que o jogo recomeçasse. “Calma, galera, deixa eles se resolverem aí”, disse o craque da equipe brusquense.

\* \* \*

Cinco minutos após o reinício, Petruscki enfiou um chute rasteiro indefensável no canto direito do goleiro improvisado. A torcida do Renaux começou a pular e tremer a arquibancada do Augusto Bauer no jogo encaminhado que já contava um 3 a 1 para a equipe da casa. Nem os jogadores do tricolor da capital esperavam a reviravolta que estava para acontecer.

Apenas três minutos depois do tento brusquense, Éliinho, mais uma vez ele, acreditou em um chute rabiscado de Gainete. O goleiro Mosimann soltou a bola e o ponta-direita a desviou para dentro do gol fazendo jus a fama de oportunista que o seguiria por toda a carreira. A partir de então, o Carlos Renaux recuou e sofreu pressão do time que tinha um goleiro como atacante. Em outro lance improvável, a bola sobrou para Zacky e este soltou uma bomba que passou reta pelas as mãos de Mosimann.

Ninguém naquela torcida estava entendendo aquele empate vexaminoso. Pois a situação ficaria pior: aos 38 minutos, Sombra, o armador conhecido pela habilidade de meter a bola em qualquer lugar que quisesse, deu um presente lindo para Zacky na frente do gol. O trabalho do atacante do Paula Ramos

foi só o de empurrar a bola. Em seguida, saiu correndo para os dirigentes do time da capital que pulavam como loucos na beira do campo. O time vermelho, preto e branco corria para todos os lados em êxtase com a vitória parcial. No alambrado, a torcida, em estado catatônico, não conseguia nem sair do estádio por tamanha perplexibilidade. “Nem a gente acreditava naquela virada. Com certeza aquele jogo ficou para a história do Paula Ramos Esporte Clube”, conta Élinho.

Os jogadores do Paula Ramos voltaram o caminho inteiro até Florianópolis gritando e rindo daquela partida inacreditável e encontraram uma carreata de torcedores os esperando na entrada da ponte Hercílio Luz. Eles seguiram juntos até o final da Praia de Fora comemorando e acreditando no título que viria dali a oito meses. No Augusto Bauer, Teixeira bravajava e brigava com os companheiros, atônito com o que havia acontecido. O craque, que mais cedo esnobara o rival, saiu de campo batendo os pés de frustração.

\*\*\*

Queria o destino que o jogo do título fosse contra o mesmo Carlos Renaux. Na tarde de 8 de março de 1960, o líder Paula Ramos recebia o Renaux pela última partida válida do Campeonato Catarinense de 1959. Uma vitória bastava para consagrar a equipe da Praia de Fora campeã. Não teve nem metade da emoção que a partida em Brusque, mas os jogadores entraram em campo um tanto quanto mais nervosos. No intervalo, o placar já era favorável em dois gols para o time da casa – Oscar contou com a ajuda de um morrinho na pequena área para enganar o goleiro e marcar seu gol; e Sombra, com uma qualidade só sua, garantiu o segundo. A equipe tocou a



bola para os lados administrando o resultado no segundo tempo. Quando o apito da vitória soou, os torcedores invadiram o campo, os jogadores fizeram volta olímpica e os dirigentes se abraçaram. Enfim, o Paula Ramos carimbou seu nome na história do futebol catarinense.

\* \* \*

## A FORÇA DO METROPOL NOS ANOS 60

Nos anos 50, o Metropol era uma equipe modesta. O sonho de participar do LARM tornou-se realidade e a equipe até chegou em algumas finais, mas não conseguiu ser campeã. No decorrer da década, Criciúma expandiu-se a ponto de quase dobrar sua população, o que acarretou problemas de saneamento nas vilas carboníferas onde habitavam os mineiros. O material usado para revestir as ruas de terra era a pirita, vinda da extração do carvão. Tudo no bairro era preto: o ar, as ruas, as casas. O único ponto verde na região era o estádio Euvaldo Lodi, nome em homenagem ao proprietário da Carbonífera Metropolitana até meados de 1959. Com a mudança de donos em setembro daquele ano, o sindicato dos trabalhadores decidiu entrar em greve. Os novos sócios Diomício Freitas e Santos Guglielmi acabariam por ter um papel muito importante no time que encontraria glórias na década de 60.

\* \* \*

O dia de estopim da greve em Criciúma foi 27 de dezembro de 1959, quando, liderados por Antônio José Parente, presidente do Sindicato dos Mineiros, quatro mil trabalhadores

marcharam rumo à Praça Nereu Ramos, coração da cidade. Entre as principais reivindicações, aumento de salário e melhores condições de trabalho, principalmente utilizar máscaras para filtrar o ar respirado dentro da mina. Para a negociação foi chamado o filho de Diomício Freitas, Dite, que era, acima de tudo, um apaixonado por futebol.

O objetivo de Dite era esperar um mês do início da greve, quando as leis trabalhistas assinalavam que a ausência de serviço era classificada como abandono de emprego. Ao mesmo tempo, surgia o boato de que os novos donos pretendiam investir no clube de futebol da companhia. Com aval do pai, Dite saiu em busca de craques de todo o sul do país fazendo propostas irrecusáveis. Pouco a pouco, a equipe do Metropol recebia reforços e tornava-se uma máquina que desacelerou a greve, esvaziou o movimento político e derrotou o sindicato.

No início dos anos 60, apareceu um Metropol híbrido, com a permanência de jogadores-mineiros e a vinda de profissionais conhecidos. Dite Freitas fazia propostas irrecusáveis e colhia um jogador de cada canto. Valdir Berg, atacante, veio de Pelotas; Márcio, ponta-direita, previamente jogara no vizinho Hercílio Luz de Tubarão; na ponta-esquerda, Brasil Chagas era um jogador experiente vindo do Cruzeiro de Porto Alegre. Assim, aos poucos, foram chegando vários craques. De longe, aquele que mais impressionou a torcida foi Nilzo, o habilidoso ponta-de-lança que viera dos juvenis do Botafogo.

\* \* \*

A partir daí, uma hegemonia futebolística apareceu no estado. O Metropol, com patrocínio dos Freitas/Guglielmi, estava se formando aos poucos. A equipe que sequer havia par-

ticipado de competições fora da cidade já chegou forte no estadual. Os mineiros dividiam a jornada de trabalho com os treinos, já os profissionais estavam ocupados apenas em bater bola e deixar aquele time recém formado o mais entrosado possível.

Logo no primeiro ano, o investimento da Carbonífera deu resultado: além de parar a greve e aumentar a popularidade dos donos da Metropolitana, o *Metropol rico*, como o chamavam os jornalistas na época, nasceu conquistando o mais prestigiado campeonato do estado. Cerca de um ano depois da primeira e única conquista do Paula Ramos Esporte Clube, o time verde e branco de Criciúma tornaria-se o primeiro da região carbonífera a levantar a taça do Campeonato Catarinense, o de 1960. Outras equipes do sul do estado que eram prestigiadas eram o Próspera, também vindo de uma empresa de minérios na cidade; o Comerciário, que hoje se chama Criciúma; o Atlético Operário, time de tradição, o mais antigo da cidade; e o bicampeão Hercílio Luz, chamado de *Leão do Sul*, equipe vermelho e branca de Tubarão.

\*\*\*

Os times rivais debochavam dos torcedores do Metropol, os chamando de Carneiros. Essa denominação maldosa significava que, mesmo sendo explorados, os seguidores permaneciam fieis ao clube sob quaisquer circunstâncias. Os torcedores rivais costumavam dizer: “Mesmo sendo maltratados pelos chefes, tendo os pelos arrancados, os carneiros continuam mansos”. A admiração e fidelidade dos mineiros de fato permaneceria até o final da fase profissional do Metropol, que encerrou-se em 1969.

Nos três primeiros anos, três títulos estaduais: 1960,

1961 e 1962. Nilzo, o carioca bom de bola que viera dos juvenis do Botafogo, acabou apelidado de *Pelé Catarinense* pela crônica esportiva. Magro como uma vara, ele corria pelo campo e ninguém conseguia acompanhar. O moleque tinha personalidade: trocava de roupa pelo menos uma vez por dia, desfilava com o carioquês que chamava atenção em todos os cantos da cidade e carimbava gols nas partidas importantes.

O sucesso foi tanto que o Metropolitano fez as malas e partiu para uma excursão europeia em 1962. Em três meses, o plantel criciumentense se apresentou em cinco países diferentes, fazendo 23 partidas. O aproveitamento foi ótimo: 13 vitórias, seis empates e apenas quatro derrotas, contabilizando uma das melhores apresentações de clubes brasileiros no exterior nos anos 60.

\*\*\*

Não era só fora do país que o Metropolitano castigava. Ali no quintal de casa, surgiu um tabu de quase dez anos: o Comerciarío não conseguia vencer o Metropolitano rico. As partidas iam acontecendo e o time verde e branco seguia ganhando. Em dia de *CoPol*, todo mundo sabia qual seria o resultado. Nos 25 confrontos, uma invencibilidade que começou em 23 de outubro de 1960 e acabou só em 04 de maio de 1969, meses antes da fase profissional metropolitana acabar.

Um dos clássicos mais comentados aconteceu em julho de 1966. No estádio Heriberto Hulse, o Metropolitano mais uma vez ganhou do Comerciarío. O gol da vitória foi marcado pelo terceiro maior atacante da história do time verde e branco, Madureira. Vindo do Rio de Janeiro, ele acabou conhecendo Santa Catarina através do amigo Nilzo. Depois de treinar em

um sábado a tarde, foi contratado no domingo, justamente no lugar do colega.

Ao contrário de Nilzo, que tinha malemolência dentro de campo, Madureira era raça pura. Competitivo até nos treinos, o jogador aos poucos foi se tornando líder para os companheiros e os contagiava com sua determinação cega. Naquela partida, aproveitou um lapso de descuido do goleiro para deixar o seu e aclamar a vitória do time.

O jogo estava com o placar de 1 a 1 aos 30 minutos da etapa final. Empolgados com a possível quebra de invencibilidade do Metropolitano, os comerciantes roxos apoiavam sua equipe na arquibancada. Após mais um ataque frustrado, o time dos carneiros recuou em campo esperando a arremetida do adversário. Na intermediária, Madureira percebeu que a sombra dos holofotes deixavam o goleiro com um ponto cego. Na saída de tiro de meta, a bola foi mal jogada para a lateral e o jogador deu um pique para interceptá-la. Com o domínio, ele escolheu o canto e saiu para o abraço. Mais uma vez, os planos da torcida comerciante foram por água abaixo.

\* \* \*

Com o tempo, Madureira ganhou o apelido de Leão pela torcida, por sua força de vontade que não se esgotava. A companhia do Leão no ataque era Idésio, chamado de Tanque. Foi com eles – que depois estariam ao lado de Nilzo como os três maiores atacantes da história do Metropolitano – que a equipe ciumense fez sua investida nacional de maior renome. Na Taça Brasil de 1964, o clube teve um duelo intenso contra o Grêmio de Porto Alegre. Na primeira partida fora de casa, jogando no antro gremista, empatou. Os dois gols do 1 a 1 foram

marcados pelo time catarinense – o primeiro por Gibi, contra a própria meta; e o segundo por Madureira, salvando a reputação do camarada.

No Adolfo Konder, em Florianópolis, o jogo de volta foi uma das partidas mais emocionantes da história verde e branca. Mesmo a cerca de 200 quilômetros de casa, o Metropol já não era o time de Criciúma, mas sim a equipe do estado. Cidadãos da capital e vindos de todos os lugares de Santa Catarina abraçaram o clube como se fosse o seu e lotaram o Pasto do Bode cantando e incentivando os carneiros.

O tricolor gaúcho tinha um grande elenco, o qual conquistara o primeiro de sete estaduais seguidos. Ainda assim, os primeiros 45 minutos passaram nervosos sem nenhum tento. O primeiro gol do Metropol saiu aos 14 minutos da segunda etapa, pelos pés do Leão. Malandro, Madureira fingiu amarrar as chuteiras enquanto o lateral Ortunho atrasava a cobrança de falta para o goleiro Alberto. Quando o jogador bateu, o carioca saiu desenfreado em busca da pelota, chegou antes, driblou o arqueiro e soltou uma bomba que explodiu nas redes. Metropol 1, Grêmio 0.

Com isso, o time da capital rio grandense debandou-se ao ataque com intenção de evitar sua primeira derrota para um time catarinense na história da Taça Brasil. Preocupados em fazer o gol, acabaram tomando o segundo. O Tanque Idésio cabeceou por cima de Alberto faltando cinco minutos para o final do jogo. Com o pouco tempo restante, a torcida já comemorava na arquibancada. No apito do árbitro, os jogadores se abraçaram em campo sob os gritos de um estado inteiro.

O Metropol acabaria eliminado na fase seguinte pelo Atlético Mineiro. Até hoje, os torcedores reclamam do mau desempenho do árbitro Joaquim Gonçalves da Silva. Fora de

casa, 1 a 0 para o Atlético. Em Florianópolis, 2 a 1 para o time visitante, com gol de honra de Madureira.

\*\*\*

O que Nilzo fez pelo Leão, Madureira fez pelo irmão. Em 1965, Edson Madureira, o caçula de três filhos, viajou para Criciúma tentando uma vaga no time dos mineiros – que já não era tão híbrido assim. O único dos trabalhadores da Metropolitana que tinha condição absoluta de titular era o goleiro Rubens, que acabou sendo o jogador com mais partidas pela equipe na história.

Em menos de um dia, o “irmão do Madureira” já odiara o lugar. Meio-campista, não tinha muita chance em uma meia cancha atribulada de talentos. Depois de poucos meses treinando acabou por encontrar-se na lateral – jogou na esquerda e na direita. No vestiário, Leão não dava nenhum tratamento privilegiado para Edson. Na verdade, ele acabava por cobrar mais do irmão. Porém, quando o Metropol ganhava, eles se abraçavam em campo fazendo jus ao parentesco.

\*\*\*

Os irmãos que também dividiam as cores de um só clube eram Élio e Édio Ramos, no Paula Ramos. Édio ficava no banco incentivando o irmão, que depois da conquista do estadual de 59, acabou indo para o Almirante Barroso, em Itajaí. O Paula Ramos ficou com o elenco desfalcado depois da conquista e sequer chegou a jogar contra o Metropol, equipe que o sucedeu na conquista do Catarinense. Em 1969, depois de uma década agonizando no futebol profissional, a estrela solitária catari-

nense passou a competir apenas em campeonatos amadores. A Praia de Fora deu lugar ao aterro que virou a Beira-Mar Norte e a sede do clube social passou a estar localizada no bairro Trindade, perto da Universidade Federal.

\*\*\*

Em 4 de maio de 1969, o Comerciário finalmente triunfou sobre a equipe do patrono Dite Freitas. Em 25 partidas, os carneiros venceram 17 e empataram oito. O time do centro da cidade enfim venceu e quebrou o tabu de nove anos, no placar de 2 a 1 contra um Metropol à beira da extinção. Na mesma época, houve a separação entre os Freitas/Guglielmi, donos da Carbonífera. Por azar do sorteio – e do Esporte Clube Metropol –, os Guglielmi acabaram por ficar com as ações da Metropolitana. Os jogadores que não foram vendidos para outras equipes migraram para o Ferroviário de Tubarão, que acabou sagrando-se campeão do Catarinense de 1970. Depois de cinco títulos estaduais e três conquistas do LARM, o clube dos carneiros viu como encerrada sua fase de futebol profissional.

\*\*\*

Em um lado, o time verde e branco dos mineiros que acalentou, mais que o carvão, uma cidade de cinzas e poeira tomada pelo negro do material que sustenta sua economia até hoje. Do outro, uma equipe da capital, que, contra quaisquer expectativas, brilhou no pouco tempo de existência mais que vários outros clubes que nasceram e desapareceram sem deixar vestígios. O Esporte Clube Metropol e o Paula Ramos Esporte Clube têm em suas histórias uma linha do tempo similar, ape-

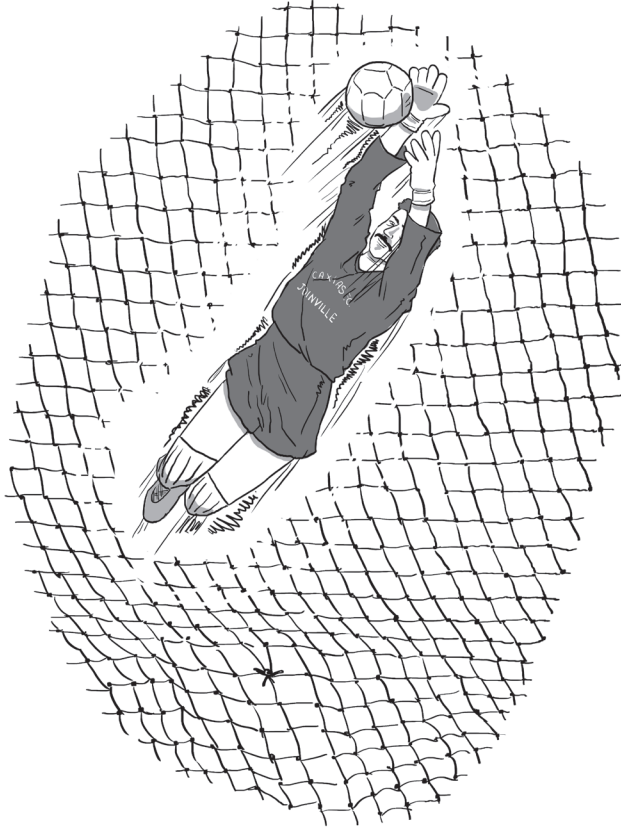


sar de diversos fatores separarem um time do outro. Ambos levantaram taças de campeões do glorioso campeonato catarinense; os dois apareceram como surpresas quando tiveram suas conquistas; um surgiu da praia, o outro do carvão. As duas agremiações tiveram equipes profissionais por pouco tempo – o Metropol, dez anos. O Paula Ramos respirou por 15. A equipe situada em Criciúma surgiu com o objetivo de aquietar uma greve de mineiros; o time de Florianópolis em uma confraternização de amigos para colocar em prática seu fascínio pelo esporte. Por motivos distintos, os dois fecharam suas portas ao futebol profissional em 1969. Por motivos similares, os dois permanecem vivos na mente dos apaixonados por futebol.



## CAPÍTULO 4

# NA CIDADE DAS FLORES, O CORAÇÃO É VERMELHO, PRETO E BRANCO





Na época em que o Rio Cachoeira ainda era limpo, em que havia apenas um delegado na cidade e em que a indústria estava começando a se instalar em Joinville, uma rivalidade entre dois clubes chacoalhava a cidade das flores. Caxias e América – o primeiro preto e branco e o segundo vermelho e branco – eram, além de as melhores equipes da região, dois dos melhores times do estado. Geralmente, a final do citadino era entre o alvinegro e o rubro. O alvinegro Caxias, formado pela junção do Teutônia FC com o Vampiro FC em 1920, passava por uma seca de títulos desde 1929 (quando havia sido o primeiro time do interior a conquistar o campeonato catariense). Ainda por cima, havia perdido as últimas três finais na cidade para o arquirrival América, de 1951 a 1953.

Na virada para 1954, os dirigentes do Caxias montaram um bom grupo, visando agradar os torcedores impacientes e

dar fim ao período sem conquistas. O ataque era composto pelo craque Teixeira, um dos melhores da história, acompanhado de Vi, Ieger, Simoni e Alemão. Duas contratações foram essenciais para a reconstrução da equipe: o atacante Juarez, fora de série, um verdadeiro tanque que tinha muita mira e força; e Vilmar Puccini, um arqueiro que tinha a missão de ficar no banco de Bosse, um alemão com muita personalidade que era titular absoluto desde 1944.

A verdade é que Bosse estava prestes a se aposentar e Puccini – antes jogador de Urussanga, cidade no sul do estado – era um achado do dirigente João Colin. Mesmo com 1,70m, o bigodudo Puccini tinha um alcance fora do normal – quando treinava no exército, deram para ele um exercício com uma corda pendurada a 3,40m de altura. Só quando ele conseguisse saltar e tocar a corda pelo menos trinta vezes, estava liberado para descansar. Então, apesar de ter 1,70m, ele pulava mais 1,70m.

\*\*\*

O resultado veio mais rápido do que todos imaginaram. No ano seguinte, quando aconteceu o estadual de 1954, o Caxias surpreendeu a todos. Mesmo com a saída do craque Teixeira, manteve um time muito técnico. Na primeira fase, passou por cima do Baependi (com resultados de 4x2 e 10x0) e depois despachou o Carlos Renaux, então campeão catarinense (duas vezes por 2x1). A final foi contra o Esporte Clube Ferroviário, equipe de Tubarão que passou pelo Atlético Operário (1x1 e 2x2 com vitória na prorrogação) e pelo Cruzeiro (3x1 e 4x1).

O primeiro jogo da decisão aconteceu em Joinville e, mais uma vez, a equipe do Caxias teve uma ótima apresentação. A vitória veio por 6 a 3, com gols distribuídos entre os

atacantes – dois de Juarez, dois de Euzébio e Didi e Periquito marcaram um cada.

O clima de revanche em Tubarão era grande e o clube foi recepcionado de maneira fria pela cidade. Logo no início da partida Lourinho marcou para o time da casa. Juarez, sempre ele, marcou seu 13o tento em seis partidas e empatou para o alvinegro. O empate foi decretado pelos gols contra de Antoninho (para o Caxias) e Ivo (para o Ferroviário). O time preto e branco ainda se livrou de um mau resultado, pois praticamente jogava com nove em campo – Gungadin e Cleuson sentiam dores e mal ficavam em pé. Com o resultado, o Caxias somava três pontos na final, dois da vitória e um do empate. O campeão catarinense era definido apenas se tivesse quatro pontos, então foi marcada a partida decisiva no Campo da Liga, na capital, dali a uma semana.

\* \* \*

O estádio Adolfo Konder era chamado de Pasto do Bode – quando o campo ainda não era careca, para que a grama se mantivesse aparada, os funcionários da Federação Catarinense de Futebol colocavam bodes para pastar no terreno. No dia 20 de março de 1955, as equipes do Caxias e do Ferroviário cumprimentaram-se no meio do gramado neutro em Florianópolis.

Apesar da distância e da dificuldade de locomoção entre cidades, as torcidas estavam em peso, fazendo muito barulho. Para ir de Joinville até a capital, eram necessárias mais de seis horas por conta da estrada; de Tubarão, davam cerca de dez.

O jogo começou em ritmo frenético e em menos de um minuto aconteceu o lance que definiu a partida. Puccini subiu, mas viu a bola o vencendo; atrás dele, o zagueiro Ivo salvou o

gol com as mãos. Pênalti para o Ferroviário.

\* \* \*

Quem ajeitou a bola e encarou Puccini antes de cobrar foi Louro. O camisa 1 tinha uma estratégia concreta de como fazer com que seus 1,70m parecessem dois metros para o batedor do penal. O ritual consistia em encarar o rival, olhar no fundo dos olhos com bastante concentração e esperar. Assim que o apito soava, o goleiro baixo e de bigode sempre esperava o atirador, como em um gesto de gentileza que dissesse “vá em frente, por favor”. O ato desconcertava o cobrador por tempo suficiente para deixar o goleiro a par do lado para onde a bola viria.

Louro chutou forte, a meia altura, no lado direito-baixo da meta. O arqueiro chegou inteiro na bola, com uma segurança que calou a torcida tubaronense. Seus companheiros se inspiraram com a grande defesa e se recompuseram em campo.

Dois minutos depois, o Caxias deu o troco. O show começou com um chute enviesado de Didi, um gol de mestre. Sem ter para quem passar, o atacante finalizou meio sem visão, quase caindo, mas com confiança. A bola foi reta para o ângulo do goleiro Pipa. Juarez aparou com a cabeça no segundo e ainda marcou mais duas vezes no primeiro tempo.

Na segunda etapa, a goleada aumentou. Mesmo com um jogador a menos – Didi foi expulso na saída para o intervalo –, o Caxias dava um banho de bola. Sempre ele, Juarez foi carregando a pelota e passando pelos marcadores como se fossem feitos de plástico. Fintou e encontrou um chute de fora da área para marcar o 5x0. O placar final foi de 7 a 0 para a equipe de Joinville, que conquistou o estadual de maneira invicta. Juarez foi o artilheiro do campeonato, com incríveis 18 gols em nove



jogos – no último jogo da final ele marcou cinco. Puccini fez honras ao velho Bosse, que assistiu ao jogo satisfeito.

\*\*\*

No ano de 1955, veio o bicampeonato estadual. Mesmo com a venda de Juarez e Vi – o primeiro tornaria-se ídolo no Grêmio e chegaria à seleção brasileira –, a equipe manteve um nível técnico em outro patamar se comparada às outras que disputaram o campeonato. A final foi contra o Palmeiras, equipe vinda de Blumenau. Em sua única disputa anterior, o Palmeiras perdeu o título para o América em 1947 – por 3x1 e 4x3.

A primeira partida deu empate de 2x2, com Didi fazendo os dois – ele assumiu a artilharia da equipe com a saída de Juarez e marcou quatro gols nas fases anteriores da competição. No segundo embate, permaneceu o equilíbrio – dessa vez jogando em Blumenau, o Caxias buscou o empate de 2x2 ao sair perdendo os dois gols atrás. A arbitragem da partida foi bem contestada, com Gérson de Maria expulsando o palmeirense Lupércio por agressão e voltando atrás com medo de represália da torcida.

\*\*\*

Pelo segundo ano consecutivo, a final daria-se no Pasto do Bode. A torcida costumava chamar o Caxias de Gualicho – apelido carinhosamente dado por conta do cavalo Gualicho, um animal vindo da Argentina que ganhou as principais corridas do turfe na época. O bicho não saía em primeiro, mas ultrapassava seus concorrentes aos poucos e, no final, às vezes ganhava por uma cabeça – e em outras só esticando a língua

para fora; mas ganhava.

Aquela final fez jus ao apelido: no dia 20 de maio de 1956, o Adolfo Konder lotado prestigiou uma partida equilibradíssima que foi resolvida em detalhes. O Caxias marcou no início e levou vantagem, mas o Palmeiras fazia pressão. A equipe blumenauense exigia o fino de Puccini, que pulava e corria para todos os cantos com a intenção de impedir a bola de chegar nas redes.

Em uma cobrança de falta já no segundo tempo, Ivo, meio campista do alvinegro, aproveitou um espaço na barreira para enfiar um petardo que encontrou o gol. 2x0. A torcida gritava “gua, gua, gua, gualicho!” quando o árbitro Antônio Viug deu por encerrada a partida e decretou o Caxias bicampeão invicto.

\*\*\*

Os próximos 15 anos seriam de jejum de títulos para o futebol joinvilense no estadual. Em 1956, o Atlético Operário levantou a taça – com muita contestação do Paysandú, que havia conquistado o título da Liga de Futebol Profissional naquele ano. Com o início da ditadura militar em 1964, foi fundado o Tupy – uma equipe com alto investimento que não conseguiria ter boas campanhas profissionais. O Caxias disputaria novamente a final em 1968, dessa vez perdendo para o Comerciarío de Criciúma. Apenas em 1971, depois de dois vice-campeonatos seguidos (em 1969 e 1970), o América traria a conquista para a cidade.

## JEC, O TIME QUE NASCEU CAMPEÃO

Apesar desse último suspiro, ambas as equipes de Caxias e América vinham em decadência. No início de 1976, foi concretizado um ato que ninguém acreditaria ser possível 20 anos antes: o Joinville Esporte Clube uniu toda a paixão de América e Caxias. Desde o final dos anos 70, as duas equipes estavam com sérios problemas financeiros. Apesar de continuarem apresentando um bom futebol, os jogadores estavam impacientes com os salários mais de três meses atrasados em ambos os clubes. A solução que os empresários da cidade encontraram foi de investirem juntos em um novo time que nasceu sem dívidas e com um plantel de mais de trinta ótimos atletas. Nada mais correto do que adotar vermelho, branco e preto, em sintonia aos brasões dessas duas equipes.

\*\*\*

Em dia de jogo do JEC, a cidade inteira só falava nisso. Se o jogo era às 21h, desde às 17h o Ernestão já explodia de gente e não cabia mais uma alma viva. Todo mundo queria ver de quanto o time iria ganhar naquele dia. Afinal, o JEC era o time que nasceu campeão. No primeiro ano já conquistara o campeonato estadual e na primeira década viriam mais oito destes títulos – seguidos, diga-se de passagem.

No dia 9 de março de 1976, aconteceu o primeiro jogo do JEC. Dos onze titulares, seis deles vinham do América e os outros cinco pertenceram ao Caxias. Quem pensa que a antiga rivalidade influenciou negativamente na composição do time está muito enganado: a competição para ser um dos onze deixou apenas mais interessante aonde essa equipe poderia chegar.

O adversário desse grande dia foi o Vasco da Gama. O amistoso deu-se em um sábado que coincidia com o aniversário de 125 anos da cidadela que dava nome a equipe. O palco da estreia do JEC foi o Ernestão, localizado ao sul da cidade e antigo estádio do Caxias. Os jogadores olhavam para a torcida nervosos, sentindo os ares de confusão que vinham pela junção de rivais. Para os torcedores, existia um grande ponto de interrogação do que esperar daquele jogo.

\* \* \*

Até o céu estava meio antipático, mostrando um nublado não muito convidativo para os 90 minutos seguintes. Osni Fontan, que defendia a camisa 10 da equipe, ajeitou o meião e olhou para a esposa sentada no meio da arquibancada, pensando no que sealaria na Expoville segunda-feira. Caso fosse um jogo muito feio, pelo menos teria o domingo para se preparar e aparecer na empresa com uma boa desculpa em mãos – ou talvez nos pés. O capitão sabia que ainda não tinham entrosamento o suficiente, já que a equipe teve pouco mais de um mês de treinos coletivos. E de cara enfrentariam o Vasco de Roberto Dinamite e companhia. O jogador sabia que grande parte do público viera para assistir ao clube de regatas carioca e a expectativa era de vitória dos vascaínos.

Na meia cancha, Fontan tinha a companhia de Linha, o volante por trás do sucesso daquele meio, que desarmava e prontamente distribuía a bola para o capitão; e Chico Samara, um jogador parrudo que ficou conhecido como o “homem da curva”, pelo capricho nos petardos de três dedos que lançava para o ataque. Os três ficaram encarregados da missão de impedir que o Vasco passasse pela intermediária. Fontan caminhou

para o círculo central com o estômago acusando mal estar.

\* \* \*

A partida deu-se de maneira surpreendente. A recém formada equipe manteve o equilíbrio de posse de bola e ofereceu perigo ao adversário, disputando cada lance de maneira aguerrida. No gol, Renato estava seguro e não dava rebotes. Os laterais Djalma e Silvinho ajudavam os zagueiros Ditão e Pompeu a fechar as portas. Um pouco mais a frente, Piava servia de quinto marcador da equipe. Na frente, a boa comunicação, mesmo com pouco tempo de companheirismo, fez diferença. Aos 37 minutos da etapa inicial, o improvável aconteceu. O JEC saiu para o contra-ataque e Tonho, o forte e alto atacante do Coelho, subiu mais alto que todos os zagueiros vascaínos e mandou um balão que passou pelos dedos esticados de Mazzaropi. A torcida assistia à cena atônita. Até mesmo os jogadores dentro de campo não acreditavam no placar do final do primeiro tempo: 1 a 0 para o JEC. Mais tarde, Roberto Dinamite deixaria o seu para que o empate ficasse consagrado, mas no final o que importava era a crença de que aquela equipe podia mais. Afinal, enfrentaram um grande elenco na sua primeira partida e quase ganharam.

\* \* \*

O destaque do JEC no cenário estadual acabou tornando-se algo de alcance nacional. O time que acabou apelidado de Coelho – devido ao bicho promovido ao clube recém criado, que tinha o animal como mascote – representou Santa Catarina na competição que contava com mais de quarenta parti-

cipantes. A estreia foi logo no segundo ano de existência, em 1977. Nessa edição, os catarinenses Joinville e Avaí garantiram participação.

Na décima rodada, a iminência da eliminação deixava torcedores e jogadores aflitos. Para poder ter chances de avançar à segunda fase da competição, era necessário que o JEC vencesse o jogo contra o Dom Bosco, time que fizera longa viagem de Cuiabá – enfrentando pelo menos 1.800km – para também tentar a sobrevida no Brasileiro. O agravante era que uma vitória simples não bastava; pelas regras do torneio, apenas triunfos com dois ou mais gols de diferença garantiriam os três pontos ao vitorioso. Os dois pontos de um triunfo simples não interessavam à equipe. A missão era dura, mas a torcida lotou o Ernestão e os onze guerreiros correram atrás do resultado árduo.

O dia escolhido para o embate? O primaveril 16 de novembro, com clima mais úmido e já dando notícia que o verão seguinte seria um desafio para os ares condicionados da cidade. Na estufa que estava o vestiário, Fontan limpou o suor nervoso que insistia em cair no olho e nivelou a faixa de capitão no uniforme. Respirando pesado, olhou com confiança para os companheiros e saiu para o aquecimento sendo recepcionado com urros e gritos de uma torcida ensandecida que, como de costume, lotara o estádio voltas antes de o relógio apontar o início do confronto. Minutos antes, na concentração, os jogadores demonstravam raça, confiança e, acima de tudo, muita fé. Ah! Se Deus não ajudasse esses jogadores, mais tarde teria que prestar contas insatisfeitas lá em cima...

\* \* \*

A equipe contava com inúmeros reforços e era deveras diferente da que nascera campeã. Ditão e Pompeu continuavam sendo os guerreiros que fechavam as portas para o gol. Sob as traves, um novo defensor postava-se para a batalha. A torcida delirava no aquecimento do homenzarrão Raul Bosse, o alemão-ão – porque apenas um aumentativo não bastava – que tinha a missão de ser o goleiro naquele histórico campeonato. Os mais apaixonados dizem que ninguém entrava na área jogando contra o JEC. Depois de uma primeira intentona ao espaço delimitado para Bosse, os atacantes percebiam que o gigante mirava mais neles que na bola. Era só ousar fazer uma jogada aérea que o atacante caía e a bola sobrava facilmente com o goleiro – sobrava também um cotovelo a mais no estômago do jogador no chão.

Bosse, filho do “velho Bosse”, que também havia sido goleiro, era tão duro que volta e meia tirava a barreira da proteção na falta. O alemão afirmava: “Ah, mas eu me garanto!” e acabava com o ângulo do cobrador, que ficava estupefato e confuso com toda aquela cena. E é certo que aquele homem nunca tomou um gol desse jeito. Desde os tempos do América, Bosse era conhecido por sua forte personalidade.

A mudança deu-se também nos lados do campo. Os novos laterais eram João Carlos e Celso Ferreira. Um mais técnico, o outro encorpado e marcador. Linha, por sua vez, fazia a função da volância para Gilson e Edu Antunes. Em busca do resultado, Fontan foi delimitado como atacante naquele dia, ficando frente à grande área do goleiro Miguel. Por fim, na área mais aguda de ataque do JEC foram colocados três jogadores: à direita, Cremílson; Britinho, pelo meio; e, de ponta esquerdo, Taquinho.

\* \* \*

A formação ofensiva do time catarinense acabou por abrir espaços no meio de campo, de onde veio o passe para o oportunista Gonçalves marcar pelo time visitante aos nove minutos do primeiro tempo. Ao invés de sentir-se acuada, a equipe do Mato Grosso escalou nada menos que cinco atacantes, para desespero do técnico Paulo Sérgio Poletto, que comandava o JEC naquele ano.

O placar permaneceria inalterado até os 24 minutos do mesmo tempo, quando, em uma troca de passes, Britinho sobrou de frente para o goleiro e encontrou as redes. Arquibancadas tremendo no Ernestão e mais de 60 minutos para dois escores, parecia uma missão possível. Pois engana-se quem acreditou que a partir de então a partida estava dominada: dos 30 aos 40 minutos a torcida desanimaria e iria à loucura ao mesmo tempo, com quatro gols em cinco minutos.

\* \* \*

Primeiro, a frustração. O Dom Bosco, apelidado carinhosamente pela torcida de Leão da Colina, tinha um atacante que rugia pelos cinco. Gonçalves, que era um dos maiores responsáveis pela participação da equipe mato grossense no Campeonato Brasileiro, assumiu a tarefa da vitória para si. Aos 32 minutos, o ponta que era conhecido pela velocidade encontrou um gol em uma jogada que parecia perdida. Na arquibancada do Ernestão, a plateia silenciou-se ao ver aquela bola improvável atravessar lentamente a risca que demarcava um gol. Logo em seguida o jogador, que também era entendido do oportunismo, roubou a bola na saída do JEC e articulou a jogada para



outra vez chacoalhar as redes de Bosse, um minuto depois do último tento Dombosquiano. Tudo isso sob olhos de quase vinte mil pessoas boquiabertas com o que se dera nos últimos 120 segundos.

Depois, a redenção. Quando a torcida estava prestes a explodir em gritos de insatisfação, o JEC renasceu. Dessa vez não teve erro na saída de bola e, aproveitando a comemoração e distração dos atletas da equipe de Cuiabá, Cremílson veio da direita e deixou o dele na péssima saída de Miguel. O locutor que anunciava o alto-falante pôs-se a gritar depois do desânimo de informar os dois gols visitantes. Enquanto o profissional ainda parabenizava Cremílson pelo desconto no placar, sua voz foi ficando mais e mais aguda ao assistir o chute rasteiro de Taquinho – que foi aceito de bom grado pelo goleiro do time convidado. Sem oxigênio para falar tudo aquilo de uma vez, o locutor respirou fundo e demorou alguns segundos para informar o que todo mundo já sabia. O empate. Céus... o empate! O som explodiu da arquibancada. Naquela hora, dava-se por certa apenas uma circunstância: a vitória joinvilense viria e seria com aqueles dois gols de diferença tão necessários.

No meio do campo, fiscalizando todas as jogadas, o árbitro Manoel Garrido não queria que nada sobrasse para ele. Juiz que tem certa experiência sabe que em jogo de vida ou morte qualquer acaso pode resultar em culpa sua. O desprazer de ter vinte e dois insatisfeitos correndo para si era um teste pelo qual o homem já havia passado e não pretendia repetir em um futuro próximo. Dito isso, Garrido ansiou pela marca de 45 minutos exatos e soou o apito de final da primeira etapa. Aliviado, foi em fuga para o vestiário suspirando pela metade da partida que ainda estava por vir.

\* \* \*

Na volta da concentração, os jogadores suavam frio e sentiam o coração fugir do peito. No fundo, sabiam que o JEC tinha mais time e que a vitória era obrigação. Essa ainda não era a equipe que conquistaria oito estaduais em dez anos; estava por vir uma participação histórica na Série A, onde a equipe terminaria em oitavo lugar (isso aconteceria dali a oito anos, em 1985); porém, a semente daquelas conquistas já se dera no ano anterior, no nascimento campeão. Nos treinos, as jogadas ensaiadas eram feitas tantas vezes que se perdia a conta. Se um jogador ousasse não estar posicionado no lugar certo no jogo, não havia cerimônia e esse era sacado do time. As cobranças de falta eram executadas milimétricas e infinitas vezes buscando o mais próximo da perfeição. Fontan, o cobrador oficial de pênaltis, ainda não errara e jamais viria a errar sequer uma cobrança vestindo o vermelho, preto e branco do Tricolor que uniu duas paixões.

Pois bem, naquele decisivo dia de novembro de 77, o Coelho floresceria como o time que tem essa bela história para chamar de sua. Nessa ocasião em específico, a glória da virada viria pelos pés de uma pessoa só. O som que a torcida fez gritando seu nome está na sua memória e no brilho de seus olhos até hoje.

O segundo tempo foi um daqueles jogaços memoráveis, onde a briga pela posse de bola levava a carrinhos homéricos, tufos de grama para todos os lados e olhares ensandecidos. Para o JEC, a vitória significava o sonho vivo para a próxima fase da competição e a primeira delas que daria-se contra uma equipe que não era catarinense – até então seu único triunfo na história do Brasileiro fora sobre o Avaí, em casa, 1 a 0. O

JEC colecionava mais dois empates e três derrotas. Já o Dom Bosco ainda não havia vencido, somando o mesmo número de derrotas e empates.

\* \* \*

Antes mesmo do início da contagem de minutos remanescentes, uma surpresa. No futebol, algumas atitudes estão na legalidade pelo simples fato de que elas podem acontecer, apesar de serem impensáveis na mente de um treinador. Atitudes como retirar um jogador lesionado de campo e não substituí-lo por simples falta de vontade ou colocar um zagueiro na posição de um atacante são delirantes e certamente improváveis. Pois bem, seguindo na linearidade deste raciocínio, o goleiro pode ser considerado a alma do time. É ele o mais confiável e infalível dos jogadores. O arqueiro tem uma responsabilidade que suga sua energia – é dele a missão de, não importando o que aconteça, salvar o time da enrascada e da derrota. No final, tudo se resume apenas ao goleiro. Todos os outros podem errar – e o fazem infinitas vezes em uma partida só –, mas o último dos homens deve ser perfeito. Um lapso dele pode ser um frango, contar a história da partida, virar a derrota. O ato de trocar goleiros desafia as leis físicas do futebol. Impensável, improvável, desastroso.

Quando surgiu o anúncio de que Miguel seria substituído pelo reserva Sanches, a trama instaurou-se. Quem troca o guarda redes? Como se ousa ter a coragem de incitar assim a equipe adversária? Os ânimos, que já borbulhavam pelas arquibancadas metálicas do Ernestão, foram ao céu. Nas entrelinhas estava a provocação para os 45 minutos finais.

\* \* \*

Dentro de campo, cada lance era uma luta; cada falta, um desafio; o gol, uma glória. Por mais de 40 minutos, as tentativas foram frustradas. Muito do tempo foi gasto ali na meiuca, com nenhuma das equipes querendo ceder espaço e, conseqüentemente, nenhuma delas conseguindo passar pelas barreiras intransigentes. Quando alguém livrava-se dos pés que bloqueavam a extensão do campo, os goleiros apresentavam-se gigantes, como verdadeiras muralhas, e nenhuma bola ousou aproximar-se das redes, que não balançavam.

Nessa época, o futebol era apaixonado, vinha das entranhas, desafiava a sanidade humana. Os 20 mil torcedores arrancavam os cabelos nas arquibancadas, escondiam os olhos atrás das mãos e ansiavam por um desfecho. No fundo da consciência martelava um medo de que houvesse uma pane e a derrota viesse. Nem os jogadores aguentavam mais a agonia de não saber o que podia acontecer.

\* \* \*

Aos 41 minutos, Fontan silenciou as dúvidas que tomavam a mente dos que ali estavam. O capitão encontrou um chute perto da grande área, do lado que gostava de bater, com o pé bom. O petardo de direita passou reto pelo goleiro Sanches e abraçou as redes com saudade. Como era bom! “A emoção, a torcida, o momento eram impressionantes”, lembra o craque.

A balança agora pendia totalmente para o JEC. A equipe inteira jogou tudo para o alto e correu para o ataque. Do cruzamento travado veio o escanteio. Vai, Fontan, mostra porque você comandou esse time por vários anos. Osni Fontan não era

o jogador mais alto e nem o mais forte, mas naquele lance teve a felicidade de subir mais que qualquer um. Ele raspou a lateral da cabeça na bola apenas o mínimo para fazer um desvio pontual que enganou Sanches. Mais uma vez, um cumprimento gentil entre rede e bola. A dois minutos do fim.

Ali, veio a glória. O estádio tremeu e as arquibancadas vibraram com os pulos de milhares de fanáticos boquiabertos com o que acabara de se passar. Os mais abastados que compraram as cadeiras posicionadas nas laterais do campo o invadiram em êxtase. No alambrado, os que não tinham renda para pagar por um ingresso tentaram passar pelas barras de metal em alegria plena. Fontan beijou o escudo, olhou para o céu e teve a sensação de fazer uma cidade feliz. Com o resultado, o JEC passaria para a próxima fase do campeonato.

\* \* \*

Falar da década de glória do JEC passa necessariamente pelo octacampeonato histórico que ninguém mais alcançou – pelo menos até o presente momento. Nos anos 80, a equipe manteve uma ótima estrutura. Sempre que vendia algum jogador, trazia outro de mesmo nível técnico. Além disso, conservava uma “espinha dorsal” de cinco ou seis jogadores que não negociava. Isso dava sustentação ao grupo.

Entre 1980 e 1982, Joinville e Criciúma fizeram três finais seguidas. O primeiro ano ficou marcado pela rivalidade entre as torcidas dos dois times. O jogo de ida da decisão foi no norte do estado e o time da casa venceu por 1 a 0, levando a vantagem para a última partida. Nesse embate, a torcida do Coelho hostilizou a do Criciúma, que avisou que daria o troco. Quando os jogadores chegaram na cidade carbonífera, a polícia

da cidade de Içara pediu para o ônibus não seguir até o estádio, visto que os torcedores estavam ameaçando represálias. Os atletas seguiram de camburão até o estádio Heriberto Hulse e foram recepcionados por vaias ensurdecedoras.

Dentro de campo, os vinte e dois jogadores honravam a guerra que estava acontecendo nos alambrados. A marcação era forte e as entradas eram duras. Com muito esforço, o Joinville arrancou o empate fora de casa e o terceiro título de oito seguidos. Das arquibancadas, vieram pedras de todos os lados. Palmito, jogador do JEC, levou uma tijolada saindo de campo e até hoje guarda a marca no meio das costas. O goleiro Gelson também colecionou cicatrizes em toda a extensão do corpo. Mais uma vez, os jogadores saíram nos camburões da polícia, roubando o título das mãos dos criciumenses.

\*\*\*

No ano seguinte, na final de 1981, o JEC foi soberano. A equipe jogou em casa e aplicou um placar com propriedade: 4 a 1 e o quarto título seguido. O zagueiro Robson “Bob” Machado, que lidava com problemas no joelho o campeonato inteiro, virou a noite fazendo tratamento. O dono do centro da defesa fez uma promessa que se jogasse no dia seguinte, iria subir o Morro da Cruz, em Nova Trento, com uma vela de sua altura – o que significava pelo menos 1,80m. A equipe foi campeã em uma quarta; na outra segunda-feira ele estava cumprindo o prometido. Duas semanas depois, fez a primeira de oito cirurgias para reparar o ligamento lesionado.

Os quatro gols foram marcados por três jogadores: Adilson, também zagueiro, subindo em dois cabeceios; o volante Jorge Luis Pereira, camisa 7, em um chute rasteiro; e talvez

o maior ídolo da história do JEC, Nardela, aos 45 minutos do segundo tempo. Nardela chutou a bola em um giro e a pelota foi no canto direito do goleiro Hugo. A torcida invadiu o campo e não teve mais jogo.

Nascido em Piracicaba, Reinaldo Antônio Baldessin fez história no futebol catarinense. Além de ser campeão do estado sete vezes pelo Joinville – recordista junto a Palmito –, quando estava em final de carreira jogou em três times diferentes e nos três subiu para a série A do Catarinense – foram eles: Brusque, Hercílio Luz e Blumenau. No JEC, Nardela chegou em 1980 e só saiu em 1990, voltando em 1994 para um jogo de despedida. O craque também fez história no Grêmio, sendo lembrado pelos torcedores ainda hoje.

Em 1987, em mais uma final contra o Criciúma, castigou o time rival. Sempre desequilibrando para o Coelho, fez o gol do título na vitória por 2 a 0. No jogo, cortou a cabeça em uma dividida, enfaixou tudo e debandou-se para o campo. O lance do gol foi antológico: dominou no limite da grande área de frente para o goleiro e limpou com a direita para tirou o zagueiro da jogada. Em seguida, entrou como quis no meio de mais dois defensores e, de peito de pé, aproveitou a indecisão de Luís Henrique para tocar a pelota no fundo das redes. “Uma vez estava conversando com um torcedor do Criciúma e ele me disse: ‘Você me deu muita tristeza’”, lembra Nardela. O homem que mais vestiu a camisa tricolor, com 680 partidas, é o segundo que mais anotou gols – estes somam 130.

Batedor de falta, de pênalti, exímio finalizador de fora da área, o camisa 8 contribuiu muito para os anos dourados do Joinville Esporte Clube. Jogando como meio de campo, de volante, como armador e até de atacante, ele era um verdadeiro coelho na cartola.





CAPÍTULO 5

# A FORÇA VERDE QUE VEM DO OESTE





Na Avenida Getúlio Vargas, de terça a domingo, tem um ponto verde na esquina do banco Bradesco. A kombi de cachorro-quente do Janga é famosa na cidade, assim como seu dono, que jogou pela Chapecoense entre 1977 e 1987. Estilizado com as cores e com o brasão do time, o ponto faz sucesso na cidade há mais de 20 anos. Só em dia de jogo da Chape que ele e a esposa preparam tudo – o molho, a salsicha e todos os condimentos do lanche – e levam para o quiosque que está dentro do estádio, alimentando os torcedores que vão assistir ao jogo.

O volante que foi dono absoluto da camisa 5 por dez anos tem fala tranquila, um olhar ligeiro e muita história na bagagem. Desde a conquista do campeonato catarinense logo no ano em que chegou, até a garfada no ano seguinte – “tiraram o título que era nosso, mas eu ainda tenho a faixa de bicampeão catarinense lá em casa. Tiramos foto e tudo”, diz o jogador aposentado.

No começo, chegou e não gostou do que viu. A Chape-

có dos anos 70 não era nada familiar à de hoje. Só tinha um frigorífico – a empresa Chapecó era a maior patrocinadora do time de futebol –, chão de terra e um campo de futebol. Mesmo vindo de Lajeado, cidade com aspecto ainda mais interiorano, Janga gostava mais de sua vila no Rio Grande do Sul. Ficou vinte dias na cidade e debandou para casa. Custou ao Maninho – dirigente com a história amarrada a da Chapecoense – percorrer os 440 quilômetros até Lajeado e puxar Jandir Moreira dos Santos pelo braço. Desde então, nada tirou o homem da cidade – ele encontrou e casou com uma alemoa, teve filhos e mora no município até hoje.

\* \* \*

Janga era a peça que faltava no esquema tático formado pelo técnico Edegar Ferreira. Ele caiu como uma luva na equipe em formação naquele ano. No gol, Luis Carlos passava uma segurança fora de série para os homens de linha. A defesa era uma linha de quatro jogadores composta por Cosme (na lateral direita), Carlos Alberto e Décio (na zaga) e Zé Carlos (vindo pelo flanco esquerdo). O meio de campo tinha Janga como marcador e Waldir e Sérgio Santos como meias. No ataque, de ponta esquerda, Eluzardo; de centroavante, Jorge; na ponta direita, Wilsinho.

A chegada do volante foi essencial na hora de marcação, aspecto que faltava à equipe da Chapecoense. Com o jogador, uma espécie de rotação foi implantada – quando um dos meias ia fazer jogadas no ataque, ele subia para dar cobertura e neutralizar a área aberta. Assim, o time verde e branco do oeste adquiriu balanço e se mexeu em bloco, todos os dez homens de linha complementando a jogada do atleta ao lado.

Foi assim que, com apenas quatro anos, a Chapecoense conquistou o primeiro título. O time começou tão bem que foi perder a invencibilidade apenas na 11a rodada para o Internacional de Lages – antes disso foram nove vitórias e um empate. A equipe se classificou em primeiro no grupo C com apenas uma derrota em 14 jogos. Na segunda fase, foram cinco vitórias e um empate.

\* \* \*

No dia 30 de outubro de 1977, o Índio Condá foi palco da final entre Chapecoense e Avaí. Antes da reforma, as arquibancadas descobertas do estádio pareciam mais uma escada que um lugar para sentar. Quase dez mil torcedores se apinhavam nos alambrados, pulando para incentivar o time. Ao redor do campo, havia uma pista olímpica cercada de flores onde os jogadores aqueciam. Rente à pista ficavam as cercas de arame que separavam os torcedores dos atletas. Se esticassem os braços, quase conseguiam tocar os jogadores em aquecimento.

Como era de praxe na época, as partidas tinham menos segurança e mais violência. Com frequência, um dos torcedores escapava para invadir o campo e interromper a partida. O alambrado tremia em clima de final estadual enquanto os jogadores verdes e azuis brigavam pela bola no terreno esburacado do Índio Condá.

\* \* \*

A Chapecoense terminou o campeonato com uma vantagem de 11 pontos para a segunda equipe com maior aproveitamento, que foi o Joinville. Em retrospecto contra o Avaí

foram duas vitórias e quatro empates. Esse equilíbrio estava refletido dentro de campo, onde ambas as equipes não conseguiam chegar ao ataque e perdiam a bola na meia cancha. Para os goleiros, uma partida sem muito trabalho, pois a pelota não chegava até ali.

O primeiro tempo terminou com o placar intacto e assim caminhou a segunda etapa até os 40 minutos. Pouco tempo antes, Edegar Ferreira chamou Wilsinho para o banco e colocou Jaime, jogador cheio de energia e bom cabeceador. Sérgio Santos armou uma jogada, chutou como pode e a bola tocou caprichosamente na trave. O goleiro Zé Carlos repôs para Lico, que se perdeu com a marcação de Waldir. Aconteceu muito rápido. Quando o Avaí tentou tirar a bola, ela já estava sobrando no pé do Jaime. O jogador teve a felicidade de encobrir o arqueiro e buscar a pelota do campeonato no fundo das redes.

Era o suficiente para a Chapecoense. Com o gol do título marcado faltando cinco minutos para o final da partida, a torcida gritava para acabar e os jogadores só davam balões para fora do estádio informando que não teria mais jogo. Enfim, o apito soou. A recém criada Associação Chapecoense de Futebol conquistava o segundo título catarinense para uma equipe do oeste do estado, seguindo os passos da Sociedade Esportiva Recreativa Perdigão, equipe de Videira que também tinha uma empresa alimentícia como patrocinadora. A delegação seguiu em festa até a Avenida Getúlio Vargas, onde os torcedores incendiaram um caixão do Avaí e enterraram no canteiro que divide a rua.

\* \* \*

Em 1978, o elenco mudou um pouco: Ivo chegou para

ser o goleiro; Vitor Ivo substituiu Carlos Alberto na zaga; Barbieri passou a ser meio de campo no lugar de Sérgio Santos; e Foguinho tomou a titularidade de Wilsinho na ponta esquerda. Chapecoense, Figueirense e Joinville entraram no segundo semestre na competição devido a suas participações no Campeonato Brasileiro – Chapecoense e Figueirense foram eliminados na primeira fase e ficaram em 51o e 55o colocados, respectivamente. O JEC perdeu na segunda fase e ficou posicionado em 41o.

A equipe do oeste catarinense chegou até o hexagonal final brigando pela primeira colocação, competindo ponto a ponto com Joinville e a Criciúma – o time do sul do estado até o ano anterior chamava-se Comerciário. Manteve por seis anos as cores azul e branco da equipe e, em 1984, trocou para amarelo, preto e branco, com as quais o Criciúma permanece até hoje.

Na sexta rodada de todos contra todos, o Avaí abandonou a competição alegando irregularidade em um pênalti marcado a favor do Joinville na partida que acabou em 1 a 0 para o Coelho. Com isso, todas as partidas posteriores foram canceladas, o que prejudicou Joaçaba, Criciúma, Internacional de Lages e Chapecoense. No final de todos os jogos, três times tinham o mesmo número de pontos e foi decretada a vitória do JEC por menor saldo de gols contra – Chapecoense e Criciúma tiveram que se contentar com a segunda e terceira posições.

Os jogadores da Chapecoense, que haviam ganhado faixas de bicampeões estaduais e já estavam comemorando o segundo título junto à torcida reivindicaram a conquista junto com a diretoria do clube. No entanto, não houve nenhuma mudança ao que já havia sido anunciado.

\* \* \*

Aos poucos, Janga foi se tornando ídolo da torcida. Ele ficou mais que todos os outros jogadores na equipe que foi se renovando nos dez anos seguintes. Não importava a escalação, estava lá o volante como o cão de guarda que segurava o ataque do time adversário.

Gol mesmo, ele só fez um. De pênalti. A torcida pediu tanto que ele foi lá e chutou. No canto direito, a meia altura, indo reta para dentro. O segredo é esperar o máximo de tempo a decisão do goleiro e empurrar a bola para o outro lado.

Quando se aposentou dos campos, continuou tendo uma ligação com a cidade ao trabalhar no frigorífico Chapecó, que viria a declarar falência em 2005. Dez anos antes disso, Janga estava trabalhando quando esbarrou em um catálogo de quiosques onde estavam vendendo uma barraca de cachorro-quente. No mesmo segundo, ele sabia que aquele era o próximo passo.

Nos últimos vinte anos, o quiosque de Janga passou por vários lugares da cidade. Primeiro instalou-se no alto da Avenida Getúlio Vargas, onde hoje é a casa de shows 14 Bis. Depois foi para o terreno de um campo de futevôlei onde aconteciam competições estaduais. Mais tarde, passou para um estabelecimento na frente de pontos de ônibus da Avenida Fernando Machado. O denominador comum sempre foi Janga e a esposa, que inventaram a própria receita de cachorro-quente quando compraram a barraca.

\* \* \*

No final de 2011, quando a Chapecoense estava come-



çando sua sequência positiva de acessos seguidos a séries do campeonato brasileiro, a diretoria do clube convidou Janga a mudar sua barraca para dentro do estádio. A ideia era vender seu cachorro-quente para os torcedores que se instalavam na arquibancada coberta. O sucesso foi tanto que, três anos depois, o clube comprou uma kombi customizada com as cores do time para que o ídolo continuasse suas vendas durante a semana.

Perguntado se não sente falta de assistir aos jogos no estádio, Janga diz que do lugar onde está o quiosque dá para enxergar um pequeno pedaço do campo. O movimento é intenso o jogo inteiro, mas ele não sente falta de ficar nas arquibancadas. O ex cão de guarda da intermediária verde e branca é apaixonado por vender seus cachorros-quentes.

\* \* \*

O ano em que Janga saiu do time culminou com a Chapecoense tendo uma campanha espetacular no estadual. Os dirigentes sondaram mais de cem jogadores, contrataram um técnico renomado – Carlos Froner teve passagens anteriores por Grêmio, Internacional, Bahia e Flamengo – e montaram um time de excelente nível técnico. Todos esses fatores somados resultaram no melhor aproveitamento de um time no campeonato catarinense até então, inclusive com uma sequência de 17 jogos sem perder. A Chapecoense somou 57 pontos em 40 jogos, tendo 24 vitórias, 10 empates e apenas seis derrotas. Quem acabou com o título foi o Joinville, devido a má campanha do clube do oeste na fase final; o Criciúma faturou a segunda colocação.

Na reta final, a Chapecoense jogou três partidas segui-

das fora de casa e acabou com desempenhos ruins sem ter onde treinar entre um jogo e outro. A semana inteira de chuva impediu os atletas de terem uma boa preparação – para não falar que sequer houve treinamento, os jogadores ficavam batendo bola e fazendo exercícios nos corredores dos hotéis. A mini excursão acabou com derrotas para o JEC e o Criciúma e um empate com o Avaí. Mesmo com o artilheiro da competição, o goleiro menos vazado e a melhor campanha, a Chapecoense ficou em terceiro no estadual de 1987.

\* \* \*

Um dos atletas que veio para a equipe foi Edeimar Luiz Aléssio, o Palmito. O apelido, que era comum para todos os jogadores na época, vinha em homenagem a sua cidade natal, Palmitos. A família do meio de campo ficou feliz com sua contratação pelo time de Chapecó, pois estava bem mais perto de casa – o jogador veio transferido do JEC.

Jogador com sete títulos estaduais conquistados – cinco pelo JEC, um pelo Criciúma e um pelo Brusque, junto a Narde-la foi o jogador que mais conquistou o Catarinense –, Palmito vestiu a camisa de oito equipes catarinenses. Apesar de ser do oeste do estado, começou a carreira nos juvenis do Joinville e lá ficou até 1986, onde colocou cinco troféus na bagagem. Foi na cidade ao norte do estado que o jogador conheceu Carmem Lucia Cabral, sua futura esposa e mãe de duas meninas. O casamento dos dois aconteceu quando Palmito estava defendendo as cores da Chapecoense, mas devido à família de Carmem, os dois decidiram que seria melhor fazer a cerimônia em Joinville.

A data marcada para a festividade foi o dia 11 de julho de 1987, um sábado. Coincidentemente, haveria uma partida

entre Joinville e Chapecoense no dia seguinte. Palmito estava dispensado por conta de uma lesão e também por seu casamento. Três partidas antes, em um confronto com o Marcílio Dias, ele perdeu a unha do dedão do pé bom em um pisão de uma dividida. Desde então, nas duas partidas em que ficou de fora, a Chapecoense recebeu o Próspera em um empate de 1 a 1 e perdeu para o Internacional em Lages por 2 a 1. Com isso, a equipe estava caindo na tabela, e, na véspera da viagem para Joinville, o técnico Carlos Froner olhou para ele com pesar e disse: “Desculpa, Palmito, mas você vai ter que jogar”. “Mas como eu vou jogar, se estou sem unha?”, rebateu o jogador. O treinador ficou sabendo que o massagista da equipe achou e guardou a unha perdida. Na hora do jogo, era só colocar a unha de volta e emendar com um esparadrapo.

Na sexta-feira, Palmito viajou até Joinville. Na lista de convidados, estavam seus colegas de grupo da Chapecoense e os amigos que fez jogando por seis anos em Joinville. Sábado de manhã, foi até o hotel aonde o time verde e branco estava concentrado e participou do treino. A unha não incomodou.

No início da tarde, Palmito trocou o conjunto de treino pelo terno, a camisa social e a gravata e as chuteiras pelos sapatos lustrados. Em um lado do altar, os jogadores do Joinville. Do outro, os atletas da Chapecoense. Juntos a eles, estavam as famílias e amigos do oeste e do norte do estado. Para coroar, o padre Bertino, tricolor roxo, foi quem deu a benção da união. Alguns costumavam dizer que o religioso dava suas missas com a camisa do JEC por baixo da batina.

Nardela, que iria ficar frente a frente com o goleiro Wlamir, bateu papo com o arqueiro e os zagueiros Gerson e Rogério Gaúcho do time adversário. Esquerdinha e Dorival Júnior trocaram ideias com Edmilson e Amaral na meia cancha do

salão. Toda a equipe da Chapecoense e os amigos do JEC confraternizaram como se não houvesse jogo no dia seguinte. No meio das mesas, Palmito e Carmem desfrutavam da mistura improvável de atletas e dirigentes. Perto da meia-noite, Carmen deixou Palmito no hotel da concentração.

\* \* \*

O jornal *A Notícia* do sábado tinha como manchete: “Palmito se casa hoje e joga amanhã”. Nas arquibancadas do Estádio, os dirigentes da Chapecoense e do Joinville continuavam misturados como no dia anterior. O prefeito Luiz Henrique da Silveira conversava com o presidente da Chapecoense, Arthur Badalotti. No casamento, Badalotti chamou Palmito para um canto e disse: “Pô, eu sei que a situação é chata, mas preciso que você jogue. E digo mais, Palmito, nós vamos jogar e vamos ganhar”. Dentro dos vestiários, os jogadores passavam pelo processo de aquecimento para a partida, com as massagens de última hora, os alongamentos finais e o discurso motivacional. Na área dos visitantes, alguém falou: “A gente confraternizou ontem, mas dentro do campo somos adversários. Vamos roubar essa vitória fora de casa!”. Palmito respirou fundo e correu para o campo.

O jogador sempre foi conhecido por ser muito concentrado. Assim que pisava no gramado, o mundo ficava em silêncio e as únicas coisas que importavam era a bola e o próximo lance. Naquele dia, não foi diferente. Palmito cumprimentou os amigos que estavam defendendo o vermelho, preto e branco do JEC e se voltou concentrado para seus colegas da Chapecoense. “A gente precisa dessa vitória, então vamos pra cima!”

Ele era o homem das cobranças, quem batia falta e es-

canteio. O atleta tinha muita experiência, treinava seus chutes desde os dez anos. Quando era criança lá em Palmitos, jogava em um campinho que tinha um rio alguns metros atrás. Nos dias em que ficava sozinho, chutava a bola na trave para não precisar buscá-la molhada e para ter mais precisão. Essa habilidade de enfiar a pelota onde quisesse o acompanhou desde então.

A Chapecoense teve poucas oportunidades no primeiro tempo. Quando tinha bola parada, lá estava ele analisando qual era a melhor opção para o ataque. O fato de conhecer os adversários deu alguma vantagem para Palmito, mas foi o JEC quem abriu o placar, com o meia Cláudio José. A Chapecoense saiu para o intervalo com a missão de fazer pelo menos dois gols para conseguir seu objetivo.

\* \* \*

Os horóscopos informam que algumas das características de um virginiano são o perfeccionismo e a ordem. Isso era da personalidade de Palmito em seus treinos. Geralmente era o último a ir para casa. Na hora de treinar passes, colocava dez alvos espalhados pelo campo e tinha que acertar todos. Se erresse um, começava tudo de novo. Depois desse exercício, continuou seu costume de moleque e chutava pelo menos 80 bolas ao gol. Quando os goleiros iam embora, segurava algumas pelotas e pendurava uma camisa no ponto do gol que queria acertar. Essa persistência fez com que fosse revelado na base e tivesse sucesso como profissional.

No meio de campo junto a Edmilson e Laércio, Palmito era o homem que armava as jogadas. Seus passes primorosos tornavam o ataque eficiente e faziam a bola chegar onde era necessário. Em um boa jogada no meio de campo da Chapeco-

ense, a pelota chegou pronta e linda para Laércio finalizar no canto direito de Rodolfo. A virada veio poucos minutos depois com um chute do atacante Ronaldo. Dito e feito: o Verdão roubou a vitória do bom anfitrião Joinville.

No primeiro jogo na volta de Palmito, a Chapecoense encerrou a sequência ruim de jogos. Na arquibancada, Luiz Henrique reclamava do ex jogador do Joinville e como ele podia jogar tão bem sem sentir remorso algum da equipe que o revelou.

\* \* \*

Nos idos dos anos 60, quando as equipes do oeste catarinense começaram a aparecer mais no cenário estadual, era um terror para os times do leste jogar fora de casa. Os motores dos ônibus eram ruins, não havia sistema de ar e na hora de atravessar a Serra Geral, que separa o centro do estado com o litoral, até quem era ateu começava a rezar em silêncio. As piores viagens eram as que passavam pela Serra do Rio do Rastro, local com maior altitude no estado com uma estrada de muitas curvas – a maioria delas acentuadas.

Os jogadores não relaxavam até atravessar os quilômetros de serra na viagem. Muitos deles inclusive ficavam a postos na janela com tênis calçados e preparados para pular caso algo de errado acontecesse. O motorista chegava no pé da curva, parava o ônibus, dava ré para conseguir fazer a manobra e seguia para o próximo zigue zague. Tudo isso na beirada de precipícios. Exausta depois de ficar longas horas de viagem em alerta, muitas vezes a delegação postava os pés na cidade, se preparava para jogar, jantava e voltava no mesmo dia. Quando chegavam em casa, os jogadores estavam esgotados de cansaço.

Essa rotina de viagens extenuantes foi comum até o início dos anos 2000. Chapecoense, Concórdia, Joaçaba, Caçadorense e Internacional de Lages faziam as perigosas excursões com muito mais frequência que todos os outros times do campeonato.

\* \* \*

Bom mesmo era quando tinha clássico regional, porque a rivalidade era mais caseira e os jogadores não precisavam fazer as viagens intermináveis. Uma partida memorável do “clássico da Linguíça”, assim chamado quando as equipes de Chapecó e de Concórdia se enfrentavam, aconteceu no campeonato estadual de 1995.

Em jogo válido pela quinta rodada, Concórdia recebeu o time verde e branco da Chapecoense no mês de março. No início da competição, a Chapecoense ainda não estava tendo apresentações à altura do vice campeonato que conquistaria no ano. Ao final do primeiro tempo, a torcida comemorava a vitória parcial do Concórdia por 1 a 0. Um torcedor muito entusiasmado, que trouxera um galo – mascote do time, que era conhecido por Galo do Oeste –, jogou o animal para o meio do campo.

Os gandulas ficaram o intervalo inteiro correndo atrás do bicho, que era muito mais veloz e fugia de todas as investidas. Na volta dos jogadores ao campo, o galo continuava driblando qualquer pessoa que se aproximasse. Impaciente, o zagueiro Lúcio jogou uma bola na ave e a atingiu em cheio, jogando pena para todos os lados. O árbitro não gostou do que viu e sacou um cartão amarelo do bolso.

Cerca de meia hora depois do horário previsto para o rei-

nício da partida, a bola voltou a rolar. O atacante Paulo Rink, que havia sido o goleador da equipe em sua primeira passagem no estadual de 1993, anotou o gol de empate. Com dupla nacionalidade, o centroavante havia sido revelado pelo Atlético Paranaense e viria a jogar na seleção alemã. Exímio cabeceador pela sua boa impulsão, foi em uma jogada aérea que ele marcou um de seus 23 gols no ano – ele seria o artilheiro da competição.

Pouco tempo após o tento verde e branco, Lúcio deu uma entrada maldosa e tomou o segundo amarelo, indo para o vestiário mais cedo. Com isso, o espaço aberto na formação da Chapecoense facilitou a vida de Concórdia, que marcou pela segunda vez. A partida terminou com a vitória do time de casa em um dia que o mascote deu muita sorte.

\* \* \*

Chapecoense e Criciúma foram as duas equipes com melhor desempenho no campeonato catarinense de 1995. O time do sul do estado teve uma campanha melhor e levava a vantagem do empate nos dois confrontos. Como o Tigre – apelido dado ao clube por suas cores preto, amarelo e branco – tinha mais pontos, a partida de ida foi no Índio Condá.

O estádio estava completamente lotado, com recorde de público em Chapecó. Nas arquibancadas, um mar verde incentivava os guerreiros do oeste. A final foi uma reedição de 1991, última vez em que duas equipes do interior decidiram o campeonato. Naquela vez, o Criciúma foi campeão com uma derrota fora de casa e conseguindo reverter o resultado jogando diante de sua torcida.

Apesar da onda de incentivo, o jogo começou com um banho de água fria. O time verde e branco sentia falta do pon-



teiro Aléssio, que estava lesionado e era um dos principais criadores da equipe por sua boa condição técnica. Em um contra-ataque, a equipe visitante aproveitou para inaugurar o placar da noite. Após um brilhante chute de Sandro, a grama enganou o goleiro Pedro Paulo, que cedeu rebote. O bem posicionado Giovani só teve o trabalho de empurrar a bola para as redes.

Sorte da Chapecoense que Índio e Nei eram bons de bola. Menos de um minuto depois, a virada verde começou através de um tento antológico. Índio, cujo apelido não poderia ser mais propício para um jogador da Chape, teve a felicidade de virar de ponta cabeça e marcar de bicicleta. Sob delírio da torcida, na roubada de bola seguinte, Nei fez um cruzamento certo que tocou na cabeça de Paulo Rink e encontrou o ângulo do goleiro Sadi.

\* \* \*

No segundo tempo, esses três jogadores voltaram a decidir para a equipe alviverde. Aos 16 minutos, Nei desequilibrou e fez a virada para Rink, que dessa vez cabeceou na trave. Na sobra, Índio foi derrubado por Sandro e o pênalti foi marcado. Nei cobrou e ampliou para 3 a 1.

Mais para o final do jogo, Nei surpreendeu Sadi novamente. O meia fingiu que faria cruzamento na bola parada e chutou ao gol. Praticamente sem ângulo, a bola entrou, para o êxtase dos torcedores. A festa do interior foi tanta que o gramado foi invadido assim que o árbitro Renildo Nunes encerrou a partida. A equipe do técnico Vicente Arenari reverteu a vantagem e brigaria pelo empate no confronto final dali a uma semana.

\* \* \*

A torcida verde e branca chegou cedo à Criciúma naquele 06 de agosto de 1995. Foram 29 ônibus, dois aviões e dezenas de carros procedentes do oeste do estado. Do lado do Tigre, mais de vinte mil pessoas lotaram as arquibancadas do estádio Heriberto Hulse. O trio de arbitragem que repetiu do primeiro jogo, sob comando de Renildo Nunes, teve muito trabalho para controlar a energia dos jogadores no gramado.

A Chapecoense jogava pelo empate no tempo normal. O Criciúma precisava de um gol para levar para a prorrogação, onde a igualdade dava o título ao Tigre. Os 22 atletas estavam jogando com tal intensidade que a partida parou diversas vezes por conta de agressões e faltas desonestas na briga pela bola. Aos dois minutos, o goleiro Pedro Paulo aceitou o chute de fora da área do meia Luiz Carlos Oliveira, fazendo com que o Verdão do Oeste perdesse a vantagem construída no confronto anterior.

Com as divididas cada vez mais violentas e os empurrões quase virando agressões físicas, Nunes encerrou o primeiro tempo depois de distribuir cinco cartões amarelos e um vermelho de cada lado. A segunda etapa não teve gols, mas contou com mais violência, somando mais duas expulsões para o time visitante e um total de 14 amarelados para a prorrogação.

O tempo extra, que favorecia ao Criciúma, começou com 18 jogadores em campo, dez tricolores e oito alviverdes. A Chapecoense lutou até o último minuto e teve muitas chances perdidas, assim como o Criciúma não aproveitou as oportunidades de liquidar o jogo. Seguindo a lógica dos dois tempos anteriores, mais desentendimentos resultaram em uma expulsão para cada lado. Na beira do campo, o técnico Vicente Arenari

estava roxo de raiva da arbitragem contratada pela Federação Catarinense de Futebol. Assim como em 1991, após perder o primeiro jogo fora de casa, o Criciúma reverteu a situação e deu à Chapecoense o segundo vice-campeonato em cinco anos. O time do oeste teve que se contentar em esperar mais um ano para levantar a taça pela segunda vez em sua história.

\* \* \*

Enfim, o segundo título estadual chegou em Chapecó em 1996. Porém, a torcida só pode comemorar essa conquista quase na chegada de 1997. A final foi disputada contra o Joinville e se arrastou por cerca de cinco meses em uma batalha judicial que acabou sendo decidida dentro de campo.

As partidas de ida e volta estavam marcadas para julho. Diante de dez mil pessoas no Ernestão, o primeiro jogo aconteceu sem problemas. A equipe de casa venceu por 2 a 0, com gols de Gilmar Nass e Carlos Alberto. Na volta, em Chapecó, o Verdão do oeste precisava de uma vitória em tempo normal e pelo menos um empate na prorrogação para ser campeã.

Na véspera da decisão, no dia 12 de julho, a delegação do JEC chegou a Chapecó. O local onde ficaram hospedados foi o Hotel Bertaso, localizado no miolo da cidade e próximo ao estádio Índio Condá. O árbitro Dalmo Bozzano, que apitaria o jogo, também ficou no local.

Por volta de uma da manhã, começaram as baterias de fogos. Alguns baderneiros decidiram fazer festa ao redor do hotel onde estava o JEC. A cada 15 minutos, o foguetório reiniciava. Dentro dos quartos, ninguém dormiu. Furiosos, os dirigentes do Coelho uniram todos os jogadores e rumaram a Xanxerê para se hospedaram por lá. Não fez tanta diferença, já

que o barulho era tanto que se ouvia nas cidades vizinhas.

Os jornalistas Polidoro Júnior e Sérgio Murilo, que estavam cobrindo a decisão pela Rádio CBN Diário, também se encontravam no Bertaso. No hall do hotel, entrevistaram o presidente Wilson Florêncio, que estava indignado com a ação arquitetada pelos torcedores. O diretor adiantou que era possível não haver jogo no dia seguinte.

\* \* \*

No primeiro programa pela manhã, os dois repórteres anunciaram que o JEC tinha ido embora e não ia ter partida nenhuma. Enquanto isso, no resto da mídia rolavam reportagens pré-feitas sobre o clima e a rivalidade que estaria em campo novamente dali a algumas horas.

Quando todo mundo percebeu que realmente não ia ter jogo, os jornalistas começaram a ser entrevistados para repassar as informações. Dentro de campo, Polidoro dava sua versão dos fatos e, na cabine da CBN, Sérgio Murilo também era alvo de microfones. Dalmo Bozzano, mesmo estando no hotel na véspera, não se pronunciou sobre o assunto. O time da Chapecoense, que nada tinha a ver com todo o rolo, deu a volta olímpica e comemorou o título.

\* \* \*

O Superior Tribunal de Justiça Desportiva recebeu uma ação do JEC na mesma semana. A partir de então, uma longa bateria de processos jurídicos adiou o decreto de quem seria campeão catarinense naquele ano. Por fim, foi acordado que aconteceria uma nova partida em Chapecó no dia 18 de dezembro.

Na véspera da decisão, não se via uma alma pela cidade. Sob recomendação da Chapecoense, todos ficaram em casa para evitar qualquer novo processo por parte do Joinville.

\* \* \*

De julho para dezembro, a equipe da Chapecoense entrou em campo muito diferente. Cláudio, Oliveira, e Titi foram para outras equipes. Gilmar, Marquito e Maringá (machucado) perderam suas titularidades. A escalação ficou a seguinte: Madruga, no gol; Fábio Lima, Lúcio, Rémeron e Itá; Nenê, Miguel, Índio e Marcos Paulista; Paulo Roberto e Jair. Até o técnico era outro: Agenor Piccinin saiu e quem estava no comando era Joel Castro Flores. Além disso, as saídas dos jogadores fizeram com que toda a equipe somasse um total de 13 atletas aptos para jogar. No JEC, apenas uma mudança: Clóvis entrou para a saída de Fabinho.

Assim como em julho, a torcida pintou de verde as arquibancadas do Índio Condá. Sob vaias, o time visitante entrou em campo. A partida começou nervosa, com a Chapecoense tendo postura mais ofensiva e o JEC arriscando nos contra-ataques. Apesar de lotado, o estádio estava silencioso de tensão. Dentro de campo, o jogo estava violento, com uma expulsão por parte do time visitante já no primeiro tempo.

A segunda etapa começou sem gols. Mesmo com um tiroteio de finalizações de ambos os lados, os dois goleiros estavam tirando todas as bolas. Aos 40 minutos, Marquito – que entrou no lugar de Marcos Paulista – arriscou de fora da área. A bola tocou caprichosamente a trave e entrou no gol. Aos 46, o JEC teve a chance de empatar com Giovane, mas Madruga fez ótima defesa. A partida seguiu para a prorrogação.

\* \* \*

Logo aos três minutos, Gilmar, que também entrou do banco, fez o 1 a 0. A Chapecoense, que só precisava de um empate, começou a tocar a bola para os lados. Na arquibancada, a torcida ensaiava gritos de “É campeão!”. No time do Joinville, não havia mais energia para buscar a virada. O árbitro apitou para o segundo título estadual da Chapecoense, que venceu dentro de campo.

No vestiário após toda a comemoração, Marquito surpreendeu e caiu de barriga para cima nos próprios joelhos. O jogador ficou em prantos rezando naquela posição desconfortável por muito tempo. Atleta de Cristo, Marquito acreditava que aquele era um reconhecimento por ter sido premiado com o gol mais importante da competição. Os colegas, preocupados, ficaram observando. Em seguida, ele levantou como se estivesse rezando por apenas um minuto, deu um sorriso e proferiu: “Quiseram tirar nosso título no tapetão, mas na grama só deu o time verde”.

